

Jovens no Pós-Secundário em 2016

Percursos de Inserção Escolar e Profissional

DGEEC | NOVEMBRO | 2017

FICHA TÉCNICA

Título

Jovens no pós-secundário em 2016 – percursos de inserção escolar e profissional

Autores

Susana Fernandes, Joana Duarte e Luísa Canto e Castro
Equipa de Estudos de Educação e Ciência (EEEC)/ Direção Geral de Estatísticas da Educação e
Ciência (DGEEC)

Edição

Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)
Av. 24 de Julho, n.º 134
1399-054 Lisboa
Tel.: (+351) 213 949 200
Fax: (+351) 213 957 610
E-mail: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt
URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Sumário Executivo | 3 |
| 1. Caracterização | 10 |
| 1.1. Trajetos no pós-secundário | 14 |
| 2. Percursos de inserção escolar e profissional..... | 15 |
| 2.1. Trajeto escolar no pós-secundário | 15 |
| 2.2. Trajeto profissional | 16 |
| 2.3. Repetências no secundário | 20 |
| 2.4. Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes | 22 |
| 2.5. Trajeto de transição | 24 |
| 3. Jovens dos cursos científico-humanísticos: que trajetos no pós-secundário?..... | 25 |
| 3.1. Trajeto escolar no pós-secundário | 27 |
| 3.2. Trajeto profissional | 31 |
| 3.3. Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes | 33 |
| 4. Jovens dos cursos profissionais: a primazia de um percurso profissional | 36 |
| 4.1. Trajeto escolar no pós-secundário | 39 |
| 4.2. Trajeto profissional | 42 |
| 4.3. Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes | 46 |
| 5. Representações e avaliações..... | 50 |

Sumário Executivo

Introdução

O Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES) é um projeto coordenado pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC), que tem como finalidade fornecer ferramentas de diagnóstico, de monitorização e de avaliação que apoiem a tomada de decisão local e central no subsistema de ensino, através da recolha e divulgação de informação sobre os trajetos escolares e profissionais dos estudantes do ensino secundário.

Para analisar os trajetos escolares dos alunos são aplicados três questionários em três momentos distintos do percurso do ensino secundário: Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário, aplicado aos alunos matriculados no 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, 10.º ano dos cursos tecnológicos, 1.º ano dos cursos profissionais, 10.º ano do ensino artístico especializado e cursos de educação e formação (tipo 4 e formação complementar); o Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário, aplicado aos alunos matriculados no 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, 12.º ano dos cursos tecnológicos, 3.º ano dos cursos profissionais, 12.º ano do ensino artístico especializado e cursos de educação e formação (tipo 5 e tipo 6, 2.º ano) e por último, o Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, aplicado aos jovens que compunham a coorte inicial catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano. Este último inquérito permite inquirir 1) os alunos que concluíram o ensino secundário ou equivalente catorze meses após o momento da conclusão e 2) os alunos da coorte inicial que, tendo mudado para ofertas formativas não tuteladas pelo Ministério da Educação ou sofrido reprovações, interrupções, saídas antecipadas ou precoces ao longo do seu percurso neste nível de ensino, não foram abrangidos pelo questionário Estudantes à Saída do Secundário.

Relativamente às modalidades de ensino abrangidas por estes 3 momentos de inquirição, interessa descrever sumariamente os seus objetivos e a quem se dirigem, para assim melhor compreendermos os percursos destes alunos no pós-secundário:

- **Cursos Científico-Humanísticos (CCH)** – oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior, de carácter universitário ou politécnico, destinada a jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente. Têm a duração de 3 anos letivos, correspondentes ao 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade, e conferem um diploma de conclusão do ensino secundário.
- **Cursos de Ensino Artísticos Especializado (EAE)** – proporcionam uma formação nas áreas da dança, da música e das artes visuais e dos audiovisuais. São cursos de nível secundário, com a duração de 3 anos letivos, correspondentes ao 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade. Estes cursos estão orientados na dupla perspetiva do prosseguimento de estudos em cursos de especialização tecnológica ou de ensino superior e da inserção no mundo do trabalho. Destinam-se a jovens que, tendo concluído o 9.º ano de escolaridade ou equivalente, pretendam obter uma formação artística de excelência ao nível secundário. Nestes cursos a avaliação assume modalidades diferentes em função da vertente artística de formação, conferindo um diploma de conclusão do nível secundário de educação, e um certificado de qualificação profissional de nível 4.
- **Cursos Profissionais (CP)** – são percursos do nível secundário de educação caracterizados por uma forte ligação com o mundo profissional. Tendo em conta o perfil pessoal, a aprendizagem realizada nestes cursos valoriza o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em

articulação com o sector empresarial local. Os Cursos Profissionais cumprem vários objetivos: 1) contribuem para que se desenvolvam competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão; 2) privilegiam as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais; 3) preparam para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior, se for esse o desejo. Estes cursos têm uma estrutura curricular organizada por módulos, o que permite maior flexibilidade e respeito pelos ritmos de aprendizagem de cada aluno. Culminam com a apresentação de um projeto, designado por Prova de Aptidão Profissional (PAP), no qual se demonstram as competências e conhecimento desenvolvidas ao longo da formação. Destinam-se a Indivíduos que tenham concluído o 9º ano de escolaridade ou equivalente e que procuram um ensino mais prático e voltado para o mundo do trabalho. A conclusão, com aproveitamento, de um Curso Profissional confere um diploma de nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 4.

- **Cursos Tecnológicos (CT)** – são cursos profissionalmente qualificantes, orientados na dupla perspetiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos para os cursos pós-secundários de especialização tecnológica e para o ensino superior. Destinam-se a alunos que, tendo concluído o 9.º ano de escolaridade ou equivalente, pretendam obter uma formação de nível secundário e, cumulativamente, uma qualificação profissional de nível intermédio. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.
- **Cursos Vocacionais (CV)** – Os cursos vocacionais de nível secundário destinam-se a alunos a partir dos 16 anos de idade que, tendo obtido aproveitamento no ensino básico, procurem alternativas ao ensino secundário profissional e ao ensino secundário regular e pretendam uma oferta mais técnica. Estes cursos procuram dar resposta às exigências da saída profissional que se pretende obter e têm duração de dois anos e uma estrutura curricular organizada por módulos. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.
- **Cursos de Educação e Formação (CEF)** – são percursos flexíveis e ajustados aos interesses de cada aluno, constituindo-se assim como uma oportunidade de conclusão da escolaridade obrigatória ou de prosseguimento de estudos ou formação que permita uma entrada qualificada no mundo do trabalho. A conclusão de um CEF de nível secundário, com total aproveitamento, confere uma certificação escolar equivalente ao 12º ano de escolaridade e uma qualificação profissional de nível 4.

Metodologia

O inquérito aos “jovens no pós-secundário 2016” foi aplicado ao universo de respondentes do inquérito “estudantes à saída do secundário 2014/15”, 14 meses após a data prevista para conclusão do ano letivo, tendo sido inquiridos 42.418 jovens, dos quais responderam, 16.186 representando 38,2% do universo inicial.

Estes respondentes tinham frequentado no ensino secundário num total de 726 escolas (públicas e privadas) de Portugal continental, representando 98,8% das escolas que participaram no inquérito “estudantes à saída do secundário 2014/15” e 88,4% do total de escolas com ofertas de ensino secundário.

Esta é a quinta edição deste questionário, constatando-se um crescimento continuado na taxa de resposta ao longo dos vários anos, comparando com os questionários que abrangem o mesmo público-alvo (2010, 2011, 2013, 2016).

Perfil dos jovens/respondentes

Os jovens que responderam a este inquérito eram (maioritariamente) provenientes dos cursos científico-humanísticos (73,1%) e dos cursos profissionais (25,0%), sendo que uma larga maioria destes respondentes (93,8%) tinha concluído o ensino secundário, independentemente da modalidade frequentada. Do total de respondentes, 64,6% eram raparigas e 35,4% eram rapazes, evidenciando uma maior taxa de resposta por parte das raparigas pois, embora estas estejam em maioria no final do ensino secundário, a sua representação é de cerca de 10 pontos percentuais abaixo dos aqui verificados. A taxa de resposta entre as raparigas foi superior à dos rapazes para qualquer das modalidades frequentada – 48,4% face a 34,4%, nos cursos científico-humanísticos, 27,4% face a 18,3%, nos cursos profissionais, 50,0% face a 31,9% nos cursos tecnológicos e 34,4% face a 24,2% nos cursos do ensino artístico especializado. A maioria dos jovens tinha uma idade igual ou inferior a 19 anos (69,1%), sendo que é nos jovens oriundos de cursos científico-humanísticos que esta faixa etária tem maior representação (80,0%), seguindo-se os de cursos tecnológicos (76,4%) e os de cursos do ensino artístico especializado (61,6%). Nos jovens provenientes de cursos profissionais, a percentagem com 19 anos ou menos é de 37,2%.

No que refere à habilitação escolar dominante na família, verifica-se que 55,9% dos núcleos familiares dos respondentes tem um nível de escolaridade igual ou superior ao ensino secundário (ensino secundário - 30,0% e ensino superior - 25,9%). Entre os jovens que frequentaram um curso do ensino artístico especializado ou um curso científico-humanístico, esta percentagem é mais elevada (68,6% e 62,6%, respetivamente). Já entre os jovens que frequentaram um curso profissional ou um curso tecnológico, a referida percentagem apresenta valores mais baixos (35,7% e 51,4%, respetivamente).

Em termos globais, a distribuição das classificações finais de secundário concentra-se nos intervalos de 10 a 14 valores, com 49,8% dos casos, e de 15 a 17 valores, com 39,6%. As notas de excelência escolar (18 a 20 valores) são mais conseguidas pelos jovens que frequentaram os cursos científico-humanísticos (12,4%), os cursos tecnológicos (10,8%) ou os cursos do ensino artístico especializado (9,6%), enquanto as notas entre 15 e 17 valores são as mais frequentes entre os jovens que frequentaram cursos profissionais (50,3%).

Percursos de inserção escolar e profissional

A maioria dos jovens, independentemente de estarem ou não a trabalhar encontravam-se a frequentar cursos pós-secundários (72,5%). Estes dados revelaram um aumento de 5,2 pontos percentuais (pp) em comparação com o ano de 2014.

A possibilidade de encontrar um emprego (46,8%) e de exercer a profissão desejada (43,8%) foi o que mais levou os jovens a prosseguirem estudos. Destacam-se ainda os casos dos jovens dos cursos profissionais que continuaram a estudar para facilitar a integração no mercado de trabalho e os dos cursos tecnológicos por quererem desempenhar a profissão desejada.

Entre os que prosseguem estudos pós-secundários, são os detentores de um curso científico-humanístico aqueles que mais optam pelo ensino superior (97,9%), seguindo-se os do ensino artístico especializado (97,4%) e os dos cursos tecnológicos (89,7%).

Cerca de 23,2% dos jovens encontravam-se a trabalhar (independentemente de estarem ou não a estudar), verificando-se uma redução de 7,0 pp face aos dados de 2014.

Os jovens que mais se encontram inseridos no mundo laboral são os respondentes dos cursos profissionais (54,3%) e os dos cursos de educação e formação (53,0%), e a integração no mercado de trabalho dá-se maioritariamente antes de terminarem o curso (39,6%) ou imediatamente após o final do curso (31,2%). De notar que se registou um aumento de 3,3 pp na percentagem dos jovens que começaram a trabalhar após o final do curso e um decréscimo de 3,6 pp na percentagem daqueles que começaram a trabalhar mais tarde, comparativamente com 2014.

Quanto às **retenções no ensino secundário**, no momento de inquirição, 6,1% dos respondentes ainda se encontravam a frequentar o ensino secundário, na sua maioria por terem reprovado (43,8%), por estarem a repetir os exames nacionais de acesso ao ensino superior (21,9%) ou por estarem a fazer melhoria de notas (17,5%). A maioria dos que se encontravam a frequentar o secundário não tinha concluído o 12.º ano (78,2%).

Relativamente aos **trabalhadores estudantes**, 7,1% dos respondentes encontravam-se a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, frequentando na sua maioria o ensino superior (65,8%) ou ensino secundário (15,0%). Para estes jovens, a integração no mercado de trabalho deu-se maioritariamente antes de terminar o ensino secundário (69,3%).

Percurso pós secundário dos jovens dos cursos científico-humanísticos

A maioria dos jovens que concluíram um curso científico-humanístico no ensino secundário encontravam-se apenas a estudar (86,4%), sendo residuais as situações de trabalhadores-estudantes (5,7%) ou dos que se encontravam exclusivamente a trabalhar (4,5%). Quanto mais elevado é o nível de escolaridade das famílias (\leq 1.º CEB – 77,0%, ensino superior – 92,3%) e a média das classificações no ensino secundário destes jovens (entre 18 e 20 valores – 97,2%, entre 15 e 17 valores – 92,3%), mais estes afirmam estar a prosseguir estudos no pós-secundário.

O **prosseguimento de estudos para os jovens dos cursos científico-humanísticos** é justificado pela necessidade de melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (46,2%) e poder exercer a profissão desejada (45,0%). Os respondentes cujos núcleos familiares detêm habilitações escolares mais elevadas e os que têm média de excelência escolar, justificam o prosseguimento de estudos com a possibilidade de virem a exercer a profissão desejada (ensino superior – 47,0%; 18-20 valores - 54,7%). As áreas de estudo mais escolhidas foram: ciências sociais, comércio e direito (30,6%); saúde e proteção social (22,7%); engenharia, indústrias transformadoras e construção (14,6%); ciências, matemática e informática (13,1%) e artes e humanidades (9,7%).

Em termos comparativos, os jovens que têm famílias com maiores recursos escolares e uma média de classificações mais elevada escolheram mais a área da engenharia, indústrias transformadoras e construção, enquanto os das famílias menos escolarizadas e com médias mais reduzidas optaram mais pelas ciências sociais, comércio e direito.

Os motivos que levaram à escolha do curso foram: a possibilidade de desempenhar a profissão desejada (46,2%), ser o curso que gostariam de estudar (41,8%), oferecer boas oportunidades de emprego (31,4%) e ter qualidade (23,2%).

A maioria dos jovens afirmou estar satisfeito (62,2%) ou muito satisfeito (23,9%) com o seu percurso escolar, sendo os que frequentam um curso do ensino superior aqueles que revelam estar mais satisfeitos (86,3% face 77,9% entre os que frequentam cursos de especialização profissional).

Entre os respondentes **que declararam estar exclusivamente a trabalhar**, a grande maioria iniciou a atividade profissional depois de terminar o curso (81,5%) – 39,2% começaram a trabalhar seis ou mais meses após o final do curso e 42,3% imediatamente após o final do curso.

As questões económicas são as que mais justificam a integração no mercado de trabalho, destacando-se o desejo de ter independência financeira (56,3%), ter dificuldades económicas (25,7%) e terem optado por não continuar a estudar (22,2%). A forma como conseguiram arranjar emprego foi através de uma candidatura espontânea (33,9%) ou com a ajuda de amigos e/ou familiares (24,8%). Destes jovens, a maioria encontrava-se a trabalhar a tempo inteiro (74,3%) e os restantes a tempo parcial (23,1%). Na maioria dos casos a profissão desempenhada não estava relacionada com o que gostariam de fazer no futuro (67,6%).

Dos respondentes **que declararam estar, simultaneamente, a trabalhar e a estudar**, 92,4% encontravam-se a frequentar o ensino superior, 3,9% encontravam-se a frequentar um CET ou um CEF e 3,7% outro tipo de formação.

As áreas mais escolhidas no pós-secundário foram: ciências sociais, comércio e direito (42,3%), artes e humanidades (14,3%) e a saúde e proteção social (12,5%). O facto de permitir desempenhar a profissão desejada (43,4%), ser o curso que gostam de estudar (37,7%) e dar boas oportunidades de emprego (31,5%) justificou a escolha destas áreas de formação/cursos frequentados.

Mais uma vez, as questões financeiras são as que mais justificam a integração no mercado de trabalho: começou a trabalhar para ter independência financeira (60,7%), porque tinha dificuldades económicas (34,1%) e queria ter o seu próprio dinheiro (25,7%).

A maioria destes jovens trabalhavam a tempo parcial (68,9%), o que permite conciliar os estudos com o trabalho, existindo apenas 9,4% que trabalhavam a tempo inteiro e 13,0% que realizavam trabalhos pontuais.

A maioria (61,4%) dos trabalhadores estudantes detentores de um curso científico-humanístico desempenhava profissões inseridas no grande grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores”.

Jovens dos cursos profissionais no pós-secundário

Mais de metade dos jovens com um curso profissional (53,6%) encontravam-se a trabalhar (46,9% exclusivamente a trabalhar e 6,7% a trabalhar e a estudar), seguindo-se aqueles que apenas estavam a estudar (27,4%) e os que não estudavam, mas procuravam emprego (15,8%).

Comparando com os dados de 2014, houve um aumento de 7,5 pp na percentagem dos que apenas trabalhavam e de 4,5 pp na dos que apenas estudavam. Houve também uma redução de 9,4 pp na percentagem de jovens que não estudavam, mas estavam à procura de emprego.

Os jovens provenientes de famílias com mais habilitações escolares ou cuja média de classificações era mais elevada tendiam mais a estudar ou a serem trabalhadores-estudantes, enquanto aqueles

cujas famílias têm menos habilitações, ou cuja média varia entre 10 e 14 valores, se encontravam mais a trabalhar ou à procura de emprego.

As áreas de educação e formação dos cursos profissionais que têm uma maior percentagem de respondentes a afirmar que apenas estudam são as artes do espetáculo (53,7%), a história e arqueologia (43,5%), a produção agrícola e animal (35,0%) e tecnologia dos processos químicos (34,2%). Já as áreas que têm uma maior percentagem de respondentes a afirmar que apenas trabalham são a da construção e reparação de veículos a motor (64,0%), a metalurgia e metalomecânica (60,0%), a hotelaria e restauração (58,3%) e a eletrónica e automação (54,6%).

As áreas que têm maior taxa de empregabilidade e/ou prosseguimento de estudos são as artes do espetáculo (85,9%), saúde (81,7%), eletrónica e automação (81,6%), metalurgia e metalomecânica (80,7%), construção e reparação de veículos a motor (80,0%) e contabilidade e fiscalidade (80,0%).

As áreas da eletrónica e automação (78,0%), saúde (76,3%), construção e reparação de veículos a motor (76,0%) e artes do espetáculo (71,8%) são aquelas que têm maior taxa de prosseguimento de estudos, enquanto construção e reparação de veículos a motor (68,0%), metalurgia e metalomecânica (65,5%), hotelaria e restauração (63,0%) e contabilidade e fiscalidade (59,1%) são as detentoras de maior taxa de empregabilidade.

Para os jovens detentores de um curso profissional, a possibilidade de encontrar um emprego (53,4%) e a possibilidade de virem a exercer a profissão desejada (35,4%) são as principais justificações para prosseguirem estudos pós-secundários.

Enquanto os jovens com médias de classificação entre 10 e 14 valores prosseguiram estudos para melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (10-14 valores – 53,9%), os que tiveram uma média de excelência escolar fizeram-no para poderem exercer a profissão desejada (18-20 valores – 46,5%).

As áreas de estudo mais frequentadas ao nível do pós-secundário são as ciências sociais, o comércio e direito (25,1%), os serviços (19,3%), as artes e humanidades (15,3%) e as ciências, matemática e informática (14,1%).

A maioria (84,4%) dos jovens detentores de um curso profissional e que estavam exclusivamente a estudar admite que o curso frequentado foi a sua primeira escolha.

O facto de permitir desempenhar a profissão desejada (40,9%), de oferecer boas oportunidades de emprego (37,3%) e ser o curso que gostavam de estudar (31,6%) foram os motivos que levaram os jovens a escolher o curso.

Entre os jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar, 90,8% inseriu-se no mercado de trabalho depois de ter terminado o ensino secundário – 47,9% logo após o final do curso e 42,9% seis meses ou mais após o final do curso, tendo sido o “conseguir a independência financeira” a principal razão para começarem a trabalhar (68,2%).

Quanto mais baixas são as habilitações escolares das famílias, mais os jovens começaram a trabalhar para terem independência financeira (70,6%) e por terem dificuldades económicas (25,9%).

Os respondentes provenientes de famílias com recursos escolares mais elevados têm tendência a justificar mais a sua entrada no mercado de trabalho porque “surgiu uma oportunidade e decidiram

aproveitar” (26,0%) ou por considerarem que “a trabalhar se aprendem coisas que a escola não ensina” (14,3%).

Mais de $\frac{3}{4}$ destes jovens encontravam-se a trabalhar a tempo inteiro (82,1%) e os restantes trabalhavam a tempo parcial (14,3%).

As profissões desempenhadas inserem-se no grande grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (33,0%), “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (17,9%), “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13,0%) e trabalhadores não qualificados” (12,9%).

Maioritariamente estes jovens (85,4%) consideraram que a conclusão do ensino secundário constituiu uma mais-valia no momento da integração no mercado de trabalho, e encontravam-se satisfeitos (muito satisfeito - 26,0% e satisfeito - 51,0%) com o trabalho que estavam a desempenhar.

O percurso mais frequentado no pós-secundário pelos **jovens trabalhadores-estudantes** oriundos dos cursos profissionais era o ensino superior (55,0%), seguindo-se os cursos de especialização tecnológica (20,9%) e outro tipo de formação (20,9%).

Os jovens com famílias mais escolarizadas foram os que mais optaram por um curso do ensino superior (60,6% quando a escolaridade dominante da família é o ensino superior e 62,5% quando a escolaridade dominante da família é o ensino secundário).

Se a frequência do ensino superior foi uma escolha para a grande maioria (82,4%) dos jovens que conseguiram obter uma média de excelência escolar, para os que apresentam uma média entre os 10 e os 14 valores destacam-se também os que se encontram a fazer outro tipo de formação (25,6%) ou um curso de especialização tecnológica (22,0%).

As áreas dos cursos pós-secundários mais escolhidas foram: ciências sociais, comércio e direito (27,1%), dos serviços (24,9%) artes e humanidades (16,4%) e ciências, matemática e informática (13,0%).

O permitir desempenhar a profissão desejada (43,4), dar boas oportunidades de emprego (34,0%), ser o curso que de que gostam (33,6%) e ser um curso com qualidade (19,6%) foram as razões mais apontadas para a escolha do curso.

A integração no mercado de trabalho para estes jovens dá-se, na sua maioria, antes de terminar o curso (41,2%) ou imediatamente após o final do curso (33,5%).

Os respondentes que frequentavam o ensino superior são os que mais iniciaram atividade profissional antes de terminarem o secundário (52,0%), enquanto os que estavam inseridos num curso de especialização profissional (CEF – 50,0% e CET – 48,8%) integraram o mercado de trabalho, mais frequentemente após terminarem o ensino secundário.

As questões económicas como a necessidade de conseguir independência financeira (66,7%), o ter dificuldades económicas (30,6%) e o querer ter o seu próprio dinheiro (22,1%) são os motivos mais referidos para a integração no mercado de trabalho.

A maioria estava a trabalhar a tempo parcial (53,5%) ou a tempo inteiro (30,2%).

As profissões desempenhadas inserem-se no grupo do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (45,6%), dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13,0%) e dos “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (11,2%).

Representações, expectativas e avaliações escolares e profissionais

No global dos respondentes ao inquérito, os jovens manifestaram um maior grau de satisfação (satisfeitos ou muito satisfeitos) com os professores (82,7%) e com o curso frequentado no ensino secundário (82,5%), do que com a escola (79,3%).

Os respondentes dos cursos profissionais, dos cursos tecnológicos e dos cursos de educação e formação, revelaram maior satisfação com os professores, enquanto os dos cursos científico-humanísticos e do ensino artístico especializado estavam mais satisfeitos com o curso.

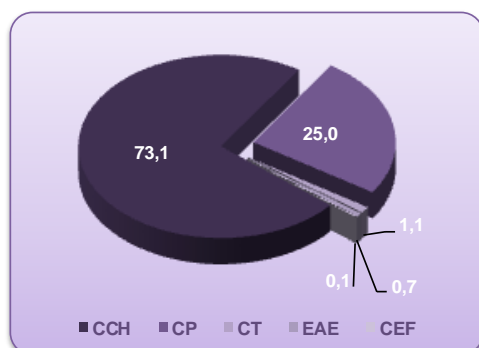
Ajudar a assumir responsabilidades (94,8%), trabalhar em equipa (94,0%), permitir trabalhar de forma autónoma (94,0%) e ajudar a tomar decisões (91,6%) são as competências que os jovens dos cursos científico-humanísticos consideram mais desenvolvidas, e que diferem das dos cursos profissionais que valorizam mais a comunicação oral e escrita (86,5%), o pensamento crítico (86,4%) e o planeamento, coordenação e organização (86,2%).

Apesar de ser comparativamente baixa a percentagem de jovens de ambas as ofertas de educação e formação que consideram que o curso frequentado lhes desenvolveu a capacidade de liderança (77,1% entre os jovens dos cursos científico-humanísticos e 66% entre os jovens dos cursos profissionais) e de negociação/argumentação (78,1% e 71,0%, respetivamente), a capacidade de síntese é também menos assinalada pelos jovens dos cursos científico-humanísticos que outras competências (18% destes jovens não a assinalam) e o conhecimento sobre as organizações não merece destaque por parte de 33,8% dos jovens dos cursos profissionais.

1. Caracterização

O inquérito “Jovens no pós-secundário em 2016” foi aplicado ao universo de estudantes que responderam ao inquérito “estudantes à saída do secundário 2014/15”, 14 meses após a data prevista de conclusão do ano letivo 2014/15.

Figura 1 – Jovens por oferta de educação e formação frequentada no secundário (%)



Nota:

CCH – Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CT – Cursos Tecnológicos, EAE – Ensino Artístico Especializado, CEF – Cursos de Educação e Formação.

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Foram convidados a participar neste processo de inquirição 42.418 jovens pertencentes a 736 escolas, dos quais se obteve a participação de 16.186 respondentes (38,2% do universo inicial), abrangendo um total de 726 escolas públicas e privadas de Portugal continental.

Com base nas respostas ao inquérito, descrevem-se de seguida os percursos de inserção escolar e profissional dos jovens respondentes.

Por oferta de educação e formação, constata-se que

73,1% dos respondentes frequentaram um curso científico-humanístico (CCH) durante o secundário e 25,0% um curso profissional (CP) (Figura 1).

Se compararmos os dados deste inquérito com os recolhidos no inquérito à saída do secundário em 2014/15 verificamos que a percentagem de jovens provenientes de cursos científico-humanísticos é superior à então registada, o que revela uma taxa de participação no inquérito “jovens no pós-secundário” mais elevada entre estes jovens (Figura 2).

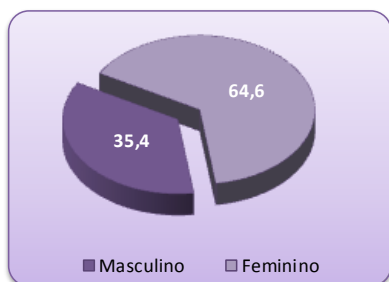
Figura 2 – Jovens segundo o tipo de certificação no secundário (%)



Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

A distribuição dos respondentes por sexo mostra que 64,6% são raparigas e 35,4% rapazes (Figura 3).

Figura 3 – Jovens no pós-secundário por sexo (%)



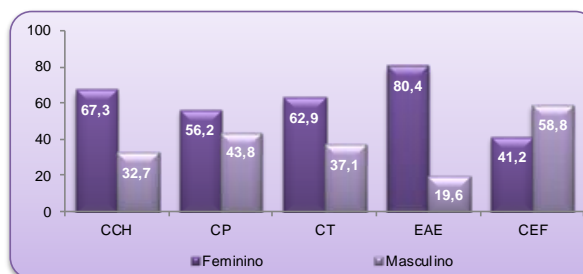
Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Assim, a disparidade existente entre os diplomados com ensino secundário (54% de raparigas face a 46% de rapazes em 2014/15), surge aqui reforçada pela diferença nas taxas de resposta a este inquérito (44,5% para as raparigas e 30,2% para os rapazes).

Uma análise da distribuição por sexo, por oferta de educação e formação, revela que há uma maior percentagem de raparigas na generalidade das ofertas, exceção feita apenas aos Cursos de Educação e Formação.

Mais precisamente, no ensino artístico especializado 80,4% dos respondentes são raparigas face a 19,6% de rapazes (correspondendo a uma taxa de resposta de 34,4% para as raparigas e de 24,2% para os rapazes), nos cursos científico-humanísticos 67,3% são raparigas face a 32,7% de rapazes (correspondendo, respetivamente, a uma taxa de resposta de 48,4% e 34,4%) e nos cursos tecnológicos 62,9% são raparigas e 37,1% são rapazes (correspondendo a uma taxa de resposta de 50,0% para as raparigas e de 31,9% para os rapazes) (Figura 4).

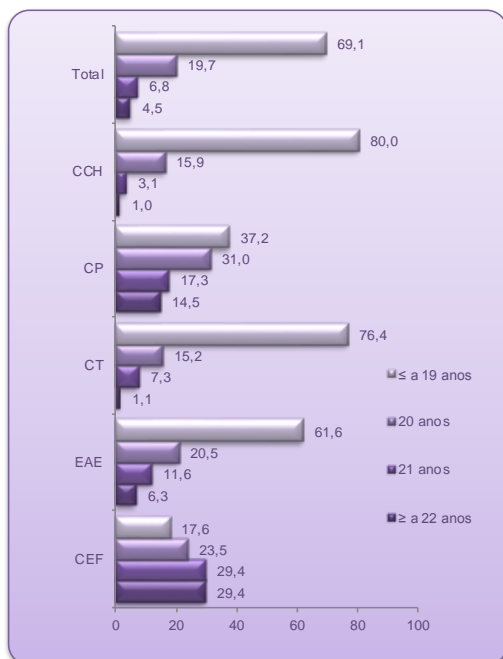
Figura 4 – Jovens segundo oferta de educação e formação, por sexo (%)



Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

O inverso acontece com os que frequentaram os Cursos de Educação e Formação onde responderam mais rapazes que raparigas (58,8% face a 41,2%), embora, tal como nas restantes modalidades de oferta, também aqui é maior a taxa de resposta das raparigas (36,8% face a 19,2% para os rapazes).

Figura 5 - Jovens segundo oferta de educação e formação, por idade (%)



Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Os núcleos familiares dos jovens que frequentaram o ensino artístico especializado (68,6%), os cursos científico-humanísticos (62,6%) e os cursos tecnológicos (51,4%) são os que revelaram um nível de escolaridade mais elevado (ensino superior ou secundário) (Quadro 1).

No que respeita à idade constata-se que a maioria dos respondentes (69,1%) tem 19 anos ou menos e que os restantes se distribuem de forma decrescente pelos escalões etários seguintes: 19,7% tem 20 anos e apenas 11,3% tem 21 anos ou mais (Figura 5).

Os respondentes que frequentaram os cursos científico-humanísticos são, em média, mais novos, seguindo-se os dos cursos tecnológicos e os do ensino artístico especializado. Numa situação oposta encontram-se os jovens que frequentaram um curso de educação e formação ou um curso profissional que detêm, na maioria, uma idade igual ou superior a 20 anos (82,4% e 62,8%).

Quadro 1 - Jovens segundo oferta de educação e formação, por nível de escolaridade dominante na família (%)

| NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOMINANTE NA FAMÍLIA | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|
| ≤ 1.º CEB | 5,0 | 14,2 | 5,2 | 1,0 | 23,1 |
| Entre o 2.º e o 3.º CEB | 32,5 | 50,1 | 43,4 | 30,4 | 38,5 |
| Ensino secundário | 31,2 | 26,5 | 28,3 | 28,4 | 30,8 |
| Ensino superior | 31,4 | 9,2 | 23,1 | 40,2 | 7,7 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) CEB – Ciclo do ensino básico

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Numa situação inversa encontram-se as famílias cujos respondentes frequentaram os cursos profissionais (64,3%) e os cursos de educação e formação (61,6%) em que a maioria possui

habilitações escolares mais reduzidas (inferiores ou iguais ao 3.º CEB).

Figura 6 – Jovens por natureza do estabelecimento de ensino frequentado no secundário (%)



Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

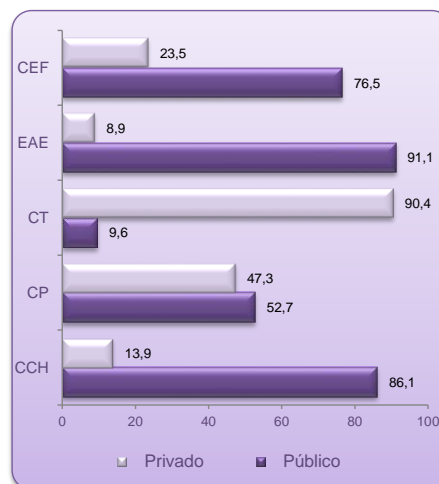
Quando se analisa os resultados por natureza do estabelecimento de ensino frequentado pelos jovens respondentes, observa-se que a maioria frequentou uma escola pública (76,9%), existindo apenas 23,1% que frequentaram um estabelecimento de ensino privado (Figura 6).

Por modalidade, onde há uma maior predominância de respondentes provenientes de escolas públicas é no ensino artístico especializado (91,1%), nos cursos científico-humanísticos (86,1%) e nos cursos de educação e formação (76,5%) (Figura 7).

O inverso acontece com os jovens dos cursos tecnológicos, uma vez que a maioria frequentou um estabelecimento privado (90,4%).

Por fim, verifica-se que a distribuição dos jovens entre ensino público e privado é mais uniforme para os que frequentaram os cursos profissionais (52,7% no público face a 47,3% no privado).

Figura 7 – Jovens segundo oferta de educação e formação, por natureza do estabelecimento de ensino (%)



Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

No percurso pelo ensino secundário, a média das classificações assume uma grande importância, muito em especial para os jovens que no pós-secundário pretendem prosseguir estudos e candidatar-se ao ensino superior.

Quadro 2 – Jovens segundo oferta de educação e formação, por média das classificações no secundário (%)

| MÉDIA DAS CLASSIFICAÇÕES | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|--------------------------|------|------|------|------|------|
| 10-14 valores | 51,7 | 44,4 | 40,1 | 49,0 | 50,0 |
| 15-17 valores | 35,9 | 50,3 | 49,0 | 41,3 | 50,0 |
| 18-20 valores | 12,4 | 5,2 | 10,8 | 9,6 | 0,0 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

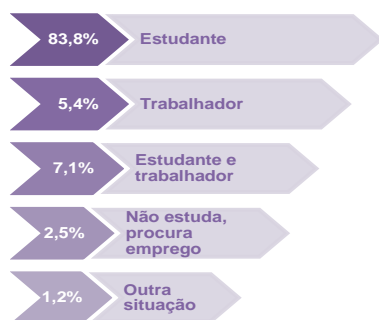
Uma análise das classificações por oferta de educação e formação permite verificar diferenças assinaláveis, observando-se, à partida, que os jovens que frequentaram os cursos científico-humanísticos (12,4%), os cursos tecnológicos (10,8%) e o ensino artístico especializado (9,6%) são os que mais obtiveram notas elevadas de excelência escolar (Quadro 2).

Se para os respondentes dos cursos científico-humanísticos e do ensino artístico especializado o intervalo de maior incidência da média é de 10 a 14 valores (51,7% e 49,0%), para os dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos já é de 15 a 17 valores (50,3% e 49,0%).

1.1. Trajetos no pós-secundário

Uma vez que a conclusão do ensino secundário é fundamental na passagem para uma nova fase na vida dos jovens, que pode passar pelo prosseguimento de estudos ou a integração no mercado de

Figura 8 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por atividade realizada no pós-secundário (%)



Fonte:

DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

trabalho, o principal objetivo do inquérito “Jovens no pós-secundário” é avaliar o trajeto percorrido entre a data esperada de término do ensino secundário e o momento de aplicação do inquérito (14 meses após, neste caso concreto).

Inicialmente questionou-se os jovens sobre a atividade que estão a realizar no momento da inquirição. A grande maioria dos inquiridos que frequentaram os cursos científico-humanísticos encontravam-se no momento da inquirição exclusivamente a estudar (83,8%), seguindo-se os que se encontravam a trabalhar e a estudar (7,1%) e os que se encontravam

apenas a trabalhar (5,4%) (Figura 8). Estes dados vão ao encontro dos objetivos traçados para esta oferta educativa que visa o prosseguimento de estudos superiores.

Já entre os jovens dos cursos profissionais a situação é mais diversificada. Os que se encontram exclusivamente a trabalhar representam a maior percentagem (47,4%) (o que não é de estranhar, uma vez que estes cursos estão direcionados para uma integração imediata no mercado de trabalho com certificação profissional após a conclusão do ensino secundário), cerca de um quarto dos jovens referiram estar apenas a estudar (26,5%) e 16,0% não se encontravam a estudar, mas procuravam emprego (Figura 9).

Figura 9 – Jovens dos cursos profissionais por atividade realizada no pós-secundário (%)



Fonte:

DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Quadro 3 – Jovens segundo oferta de educação e formação, por atividade realizada (%)

| ATIVIDADE REALIZADA | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|-----------------------------|------|------|------|------|------|
| Estudante | 83,8 | 26,5 | 68,0 | 62,5 | 29,4 |
| Trabalhador | 5,4 | 47,4 | 13,5 | 9,8 | 47,1 |
| Estudante e trabalhador | 7,0 | 6,9 | 11,2 | 14,3 | 5,9 |
| Não estuda, procura emprego | 2,5 | 16,0 | 3,9 | 8,9 | 11,8 |
| Outra situação | 1,2 | 3,3 | 3,4 | 4,5 | 5,9 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte:

DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Comparando as diversas ofertas de educação e formação constata-se que são os respondentes dos cursos científico-humanísticos (83,8%), dos cursos tecnológicos (68,0%) e do ensino artístico especializado (62,5%), aqueles que mais prosseguiram estudos (Quadro 3).

Por outro lado, os que frequentaram os cursos profissionais e os cursos de educação e formação são os que mais se encontravam a trabalhar no momento da inquirição (47,4% e 47,1%) e que não estudam, mas procuram emprego (16,0% e 11,8%).

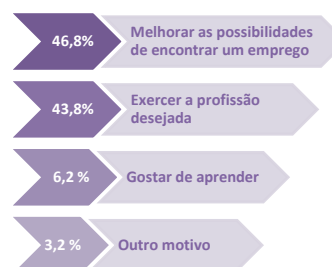
2. Percursos de inserção escolar e profissional

2.1. Trajeto escolar no pós-secundário

Tendo em consideração que a atividade realizada pela maioria dos jovens respondentes era “estudar”, independentemente de estarem ou não a trabalhar, de seguida procura-se analisar o trajeto dos 72,5% de respondentes que se encontravam a estudar em níveis de ensino pós-secundário no momento de inquirição, importando ainda referir que face a 2014¹, houve um aumento de 5,2 pontos percentuais (pp) na percentagem de inquiridos que se encontravam a estudar após a conclusão do secundário.

Melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (46,8%) e poder exercer a profissão desejada (43,8%) foram os motivos mais apontados pelos jovens para o prosseguimento de estudos (Figura 10).

Figura 10 – Jovens por razão para o prosseguimento de estudos (%)



Nota:

(1) N=11107

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 11 – Jovens segundo oferta de educação e formação, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)

| | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|--|------|------|------|------|------|
| Melhorar as possibilidades de encontrar um emprego | 46,4 | 50,5 | 43,8 | 43,2 | 50,0 |
| Poder exercer a profissão desejada | 44,7 | 36,0 | 46,9 | 36,5 | 50,0 |
| Gostar de aprender | 6,1 | 6,9 | 5,5 | 16,2 | - |

Nota:

(1) N=11107

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Os inquiridos dos cursos tecnológicos são os que mais consideraram prosseguir estudos para exercerem a profissão desejada (46,9%), enquanto os do ensino artístico especializado são os que mais admitiram continuar a estudar porque gostam de aprender (16,2%) (Figura 11).

Os dos cursos profissionais são os que mais referiram prosseguir estudos porque pretendiam melhorar as suas possibilidades de encontrar um emprego (50,5%), seguindo-se os dos cursos científico-humanísticos (46,4%).

¹ Conforme resultados do “Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário em 2014” em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/>

Os jovens dos cursos científico-humanísticos (97,9%), do ensino artístico especializado (97,4%) e dos cursos tecnológicos (89,7%) são os que mais prosseguiram para o ensino superior (Figura 12).

Os dos cursos de educação e formação e dos cursos profissionais são os que mais admitiram frequentar um curso de especialização tecnológica (83,3% e 27,8%) ou um curso de educação e formação (16,7% e 2,9%).

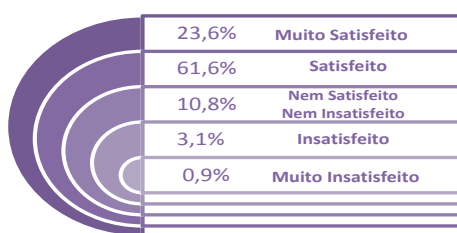
Figura 12 – Jovens segundo oferta de educação e formação, por formação frequentada no pós-secundário (%)

| | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|----------------------|------|------|------|------|------|
| Ensino Superior | 97,9 | 69,3 | 89,7 | 97,4 | - |
| CET - Pós-Secundário | 1,7 | 27,8 | 7,4 | 1,3 | 83,3 |
| CEF - Tipo 7 | 0,4 | 2,9 | 2,9 | 1,3 | 16,7 |

Nota:
(1) N=11534

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 13 – Grau de satisfação com o trajeto escolar pós-secundário (%)



Nota:
(1) N=11440

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Tendo-se questionado os jovens sobre o seu grau de satisfação com o percurso escolar no pós-secundário, a maioria declarou estar satisfeito (61,6%) ou muito satisfeito (23,6%) (Figura 13).

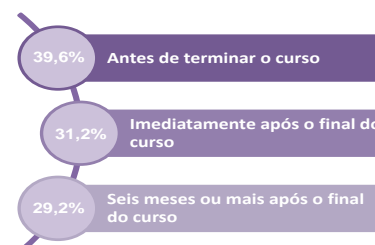
De realçar, o número muito residual de inquiridos que revelaram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o seu percurso escolar (4,0%).

2.2. Trajeto profissional

Os jovens que se encontravam a trabalhar no momento da inquirição (independentemente de estarem ou não a estudar) ou que já tinham trabalhado nos 14 meses anteriores, representam 23,2% dos respondentes, verificando-se uma redução de 7,0 pp comparativamente com os dados recolhidos em 2014, (30,2%).

O início da inserção profissional revelou uma distribuição muito semelhante entre as diversas possibilidades, constatando-se que 39,6% começaram a trabalhar antes de terminar o curso, 31,2% imediatamente após o final do curso e 29,2% seis ou mais meses após o final do curso (Figura 14).

Figura 14 – Tipo de inserção profissional dos jovens no pós-secundário (%)



Nota:
(1) N=5342

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Face aos dados recolhidos em 2013² observa-se um aumento de 3,3 pp na percentagem de inquiridos que começaram a trabalhar imediatamente após o final do curso (31,2% face a 27,9%) e uma redução de 3,6 pp na percentagem daqueles que começaram a trabalhar seis ou mais meses após o final do curso (29,2% face a 32,8%).

Quando analisamos o momento de inserção profissional por tipo de atividade desempenhada, verificam-se grandes diferenças, constatando-se desde logo que os estudantes ou trabalhadores estudantes são os que mais começaram a trabalhar antes de terminarem o ensino secundário (71,5% e 69,3%) (Figura 15). Estes dados revelam um aumento de 3,8 pp (71,5% face a 68,8%) e 2,4 pp respetivamente (69,3% face a 64,1%) quando comparados com os recolhidos em 2014.

A integração no mercado de trabalho para os jovens que estavam a trabalhar no momento de inquirição é diversa entre os que só trabalham e os que trabalham e estudam: a maioria destes últimos iniciou a sua atividade antes de terminar o curso (69,3%) enquanto que para os que só trabalham, essa inserção ocorreu maioritariamente após a conclusão do curso (44,9%

imediatamente após e 42,2% seis ou mais meses após a conclusão do curso) (Figura 15).

No caso dos respondentes que só estavam a trabalhar verificou-se uma redução de 9,6 pp na percentagem dos que iniciaram a sua atividade principal seis meses ou mais após o final do curso (42,2% face a 51,8%) e um aumento de 7,5 pp na dos que começaram a trabalhar imediatamente após o final do curso (44,9% face a 37,4%), quando se comparam estes dados com os de 2013. Esta

Figura 15 – Início da atividade profissional dos jovens que se encontravam a trabalhar no momento da inquirição ou que, não estando a trabalhar, tiveram atividade profissional nos 14 meses anteriores à inquirição (%)

| | Estudante | Trabalhador | Estudante e trabalhador | Não estuda, procura emprego |
|---------------------------------------|-----------|-------------|-------------------------|-----------------------------|
| Antes de terminar o curso | 71,5 | 12,9 | 69,3 | 10,2 |
| Imediatamente após o final do curso | 16,8 | 44,9 | 17,1 | 37,9 |
| 6 meses ou mais após o final do curso | 11,7 | 42,2 | 13,6 | 51,9 |

Nota:
(1) N=5342

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 16 – Momento de inserção profissional dos jovens segundo oferta de educação e formação (%)

| | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|---------------------------------------|------|------|------|------|------|
| Antes de terminar o curso | 63,8 | 15,0 | 37,7 | 35,6 | 16,7 |
| Imediatamente após o final do curso | 18,7 | 44,1 | 26,4 | 28,9 | 41,7 |
| 6 meses ou mais após o final do curso | 17,4 | 40,9 | 35,8 | 35,6 | 41,7 |

Nota:
(1) N=5342

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

evolução revela uma tendência para uma integração no mercado de trabalho mais cedo.

Os inquiridos dos cursos científico-humanísticos (63,8%) são os que mais experienciaram uma atividade profissional antes de terminarem o ensino secundário (Figura 16). Numa situação diferente estão os dos cursos profissionais e dos cursos de educação e formação, uma vez que são os que mais começaram a trabalhar seis ou mais meses após o final do curso (40,9% e 41,7%) ou imediatamente após o final do curso (44,1% e 41,7%). De realçar

² Conforme resultados do “Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário em 2013” em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/>

ainda que os inquiridos dos cursos tecnológicos e do ensino artístico especializado dividem-se entre os vários tipos de integração profissional, apesar de se inserirem maioritariamente antes de terminarem o curso (37,7% e 35,6%) ou seis ou mais meses após o final do curso (35,8% e 35,6%).

De seguida analisa-se a profissão desempenhada pelos respondentes: 49,6% estavam inseridos no

Quadro 3 – Jovens segundo o nível de escolaridade dominante na família, por grande grupo profissional do jovem (%)

| GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM | Total | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2º e o 3º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|--|------------|------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------|
| Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos | 1,6 | 1,0 | 1,5 | 1,7 | 2,1 |
| Especialistas das atividades intelectuais e científicas | 6,4 | 5,8 | 4,7 | 6,4 | 11,7 |
| Técnicos e profissionais de nível intermédio | 8,8 | 7,8 | 8,5 | 8,3 | 11,2 |
| Pessoal administrativo | 8,4 | 8,8 | 8,1 | 8,3 | 9,5 |
| Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores | 49,6 | 40,1 | 47,4 | 54,7 | 52,5 |
| Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta | 1,1 | 1,0 | 1,2 | 1,1 | 0,9 |
| Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies | 11,3 | 17,5 | 14,8 | 7,5 | 4,4 |
| Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem | 1,8 | 3,9 | 1,9 | 1,8 | 0,3 |
| Trabalhadores não qualificados | 10,9 | 14,1 | 12,0 | 10,1 | 7,4 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N=3908

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

os jovens oriundos de núcleos familiares cujo nível de escolaridade é mais elevado tendem a desempenhar profissões inseridas no grupo do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (≤ 1.º CEB – 40,1% e ensino superior – 52,5%), “técnicos e profissionais de nível intermédio” (≤ 1.º CEB – 7,8% e ensino superior – 11,2%) e “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (≤ 1.º CEB – 5,8% e ensino superior – 11,7%). De referir que as profissões inseridas nestes grupos profissionais tendem a ser mais prestigiadas socialmente.

Os inquiridos provenientes de famílias com habilitações escolares mais reduzidas são os que mais exercem profissões integradas no grupo dos “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies” (≤ 1.º CEB – 17,5% e ensino superior – 4,4%) e “trabalhadores não qualificados” (≤ 1.º CEB – 14,1% e ensino superior – 7,4%).

Se quem mais trabalhava a tempo inteiro eram os jovens que só trabalhavam (71,9%), os que trabalhavam de forma sazonal e de forma ocasional são, na sua maioria, apenas estudantes (76,2% e 56,9%) (Quadro 4). Por outro lado, os jovens que trabalhavam a tempo parcial são na sua maioria trabalhadores estudantes (36,3%) e estudantes (33,1%). Destaca-se ainda que 31,5% dos jovens que realizavam trabalhos ocasionais são trabalhadores estudantes.

Quadro 4 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo atividade realizada, por condição perante o trabalho (%)

| CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO | Estudante | Trabalhador | Estudante e trabalhador | Não estuda, procura emprego | Total |
|-----------------------------|-----------|-------------|-------------------------|-----------------------------|-------|
| Tempo inteiro | 11,1 | 71,9 | 7,1 | 9,9 | 100 |
| Tempo parcial | 33,1 | 22,9 | 36,3 | 7,7 | 100 |
| Sazonal | 76,2 | 6,6 | 8,9 | 8,4 | 100 |
| Ocasional (biscates) | 56,9 | 4,1 | 31,5 | 7,6 | 100 |
| Outra situação | 31,5 | 28,7 | 25,0 | 14,8 | 100 |

Nota:

(1) N=2661

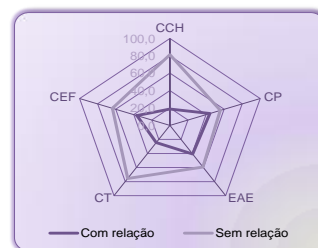
Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Relativamente à existência de articulação entre a profissão desempenhada e o projeto profissional futuro, 68,7% dos jovens consideram não existir essa relação.

Quem mais considera existir relação entre profissão atual e projeto profissional futuro são os respondentes que frequentaram os cursos profissionais (44,3%), o ensino artístico especializado (40,7%) e os cursos de educação e formação (36,4%) (Figura 17). Estas ofertas educativas têm no seu currículo escolar o estágio profissional e dão certificação profissional que pode facilitar a integração no mercado de trabalho dentro da sua área de formação.

Figura 17 – Jovens por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)



Nota:

(1) N=5348

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 18 – Jovens por razões para começarem a trabalhar (%)



Nota:

(1) N=5351

2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

As razões que mais levaram os jovens a integrarem o mercado de trabalho relacionam-se, na sua maioria, com questões económicas e com oportunidades que surgiram, destacando-se: “conseguir independência financeira” (61,0%), “ter dificuldades económicas” (25,5%), “ter o seu próprio dinheiro apesar de a família não ter dificuldades económicas” (22,9%) e “ter surgido uma oportunidade que decidi aproveitar” (22,6%) (Figura 18).

Quando se compara estes dados com os recolhidos em 2014, observa-se que existiu um aumento de 3,1 pp na percentagem de inquiridos que começou a trabalhar para ter independência financeira (61,0% face a 57,9%) e uma redução de 7,0 pp na dos que trabalham por ter dificuldades económicas (25,5% face a 32,5%). A justificação para começar a trabalhar advém sobretudo da necessidade que os jovens têm em ter a sua independência e o seu próprio dinheiro.

Uma análise por nível de escolaridade dominante na família revela grandes diferenças. Para os jovens oriundos de famílias com um nível de escolaridade mais elevado, a integração no mercado de trabalho é justificada pelo desejo de terem o seu próprio dinheiro apesar da família não ter dificuldades económicas (\leq 1.º CEB – 15,6% e ensino superior – 33,8%), de aprender coisas importantes que a escola não ensina (\leq 1.º CEB – 11,6% e ensino superior – 22,8%) e ter surgido uma oportunidade e aproveitou (\leq 1.º CEB – 17,6% e ensino superior – 29,1%) (Quadro 5).

Quadro 5 – Jovens segundo o nível de escolaridade dominante na família, por razões para começarem a trabalhar (%)

| RAZÕES PARA COMEÇAR A TRABALHAR | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2º e o 3º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|---|------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------|
| Conseguir independência financeira | 67,4 | 64,6 | 59,3 | 48,9 |
| Dificuldades económicas | 32,8 | 25,9 | 23,7 | 19,6 |
| Surgiu uma oportunidade e aproveitou | 17,6 | 20,9 | 24,1 | 29,1 |
| Decidir não continuar a estudar | 16,8 | 16,0 | 9,4 | 4,2 |
| Ter o seu próprio dinheiro, apesar da família não ter dificuldades económicas | 15,6 | 20,1 | 25,6 | 33,8 |
| A trabalhar aprendem-se coisas que a escola não ensina | 11,6 | 11,2 | 15,7 | 22,8 |
| Não conseguir entrar no ensino superior | 8,2 | 7,7 | 6,9 | 5,3 |
| Não conseguir entrar no ensino superior | 3,8 | 5,5 | 5,3 | 5,6 |
| Outra razão | 2,7 | 4,5 | 5,1 | 4,7 |

Nota:

(1) N=5100

2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

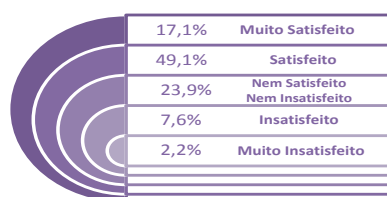
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

que face aos dados de 2014, existe uma redução de 7,7 pp na percentagem de jovens que, sendo oriundos de famílias com recursos escolares iguais ou inferiores ao 1.º CEB, começaram a trabalhar por terem dificuldades económicas (32,8% face a 40,5%).

Analisando o grau de satisfação face ao trabalho, a maioria dos respondentes considerou estar satisfeito ou muito satisfeito com o seu trabalho (49,1% e 17,1%), e 23,9% mostra alguma indiferença (Figura 19). Face a 2014, constata-se que os jovens encontravam-se menos insatisfeitos com o seu percurso profissional (9,8% face 12,4%).

Quanto mais reduzidas são as habilitações escolares dos agregados familiares dos jovens respondentes mais estes referem ter começado a trabalhar para conseguir independência financeira (\leq 1.º CEB – 67,4% e ensino superior – 48,9%), por terem dificuldades económicas (\leq 1.º CEB – 32,8% e ensino superior – 19,6%) e porque decidiram não continuar a estudar (\leq 1.º CEB – 16,8% e ensino superior – 4,2%). Importa aqui referir

Figura 19 – Grau de satisfação dos jovens com o trajeto profissional (%)



Nota:

(1) N=5348

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

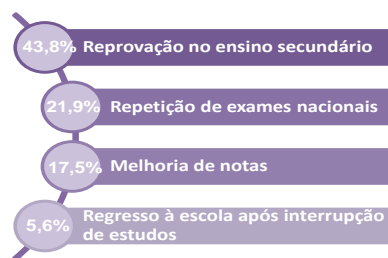
2.3. Repetências no secundário

Tendo em consideração que este processo de inquirição é aplicado 14 meses após a conclusão do ensino secundário, seria expectável que os jovens já tivessem terminado este ciclo de estudos. No entanto, observa-se que 6,1% dos jovens no momento da inquirição ainda se encontravam a frequentar o ensino secundário. De notar que, entre os respondentes que frequentaram um curso científico-humanístico, a percentagem dos que ainda se encontram no ensino secundário é de 3,2% e entre os que frequentaram modalidades profissionalmente qualificantes é de 1,2%.

Por outro lado, os jovens que ainda estavam a frequentar o ensino secundário e referiram ser trabalhadores estudantes, representam apenas 1,3% do total de inquiridos dos cursos científico-humanísticos e 0,5% do total de respondentes dos cursos profissionais.

Os motivos mais referidos pelos jovens para ainda não terem concluído o ensino secundário foram o facto de terem reprovado (43,8%), estarem a repetir os exames nacionais de acesso ao ensino superior (21,9%) e estarem a fazer melhoria de notas (17,5%) (Figura 20).

Figura 20 – Jovens por razão para a inscrição no ensino secundário (%)



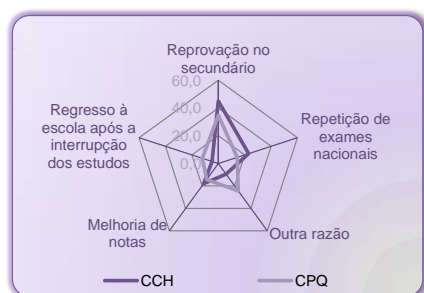
Nota:

(1) N=411

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 21 – Jovens segundo a razão para a inscrição no ensino secundário, por tipo de certificação no secundário (%)



Nota:

(1) N=411

Fonte:

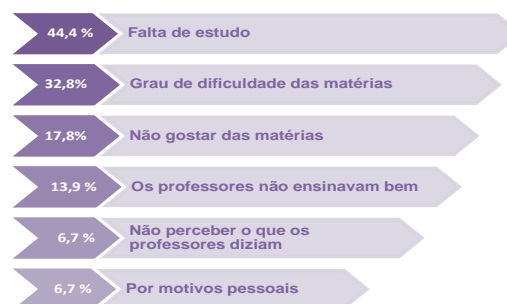
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Enquanto os respondentes dos cursos científico-humanísticos foram os que mais referiram estar ainda inscritos no ensino secundário porque reprovaram (45,0%) ou tinham de repetir os exames nacionais de acesso ao ensino superior (22,9%), os dos cursos profissionalmente qualificantes dispersaram mais pelas diferentes razões, destacando-se 34,7% que reprovaram, 14,3% que se encontravam a fazer melhoria de notas e 14,3% que tinham de repetir os exames nacionais de acesso ao ensino superior (Figura 21).

Nos cursos profissionalmente qualificantes as razões mais apontadas sofreram algumas oscilações quando comparadas com os dados recolhidos em 2014, existindo por um lado, um aumento de 7,8 pp na percentagem dos que afirmaram ter reprovado no secundário (34,7% face a 26,9%) e, por outro, uma redução de 8,4 pp na dos que estavam a fazer melhoria de notas (22,7% face a 14,3%) e 10,0 pp na dos que regressaram à escola após terem interrompido (10,2% face a 20,2%).

As razões que levaram os 43,8% destes jovens a reprovar ou terem módulos em atraso são: a falta de estudo (44,4%), o grau de dificuldade das matérias (32,8%), o não gostarem das matérias (17,8%) e o facto de considerarem que os professores não ensinavam bem (13,9%) (Figura 22).

Figura 22 – Jovens por razões para reprovar ou ter módulos em atraso no ensino secundário (%)



Nota:

1) N= 180

2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

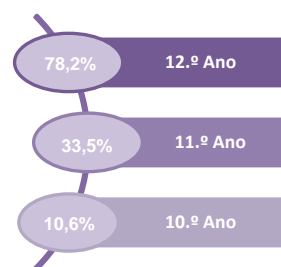
Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Também se considerou importante saber quais os anos de escolaridade em que os jovens tinham reprovado, observando-se que a maioria reprovou no 12.º ano (78,2%) e no 11.º ano (33,5%) (Figura 23).

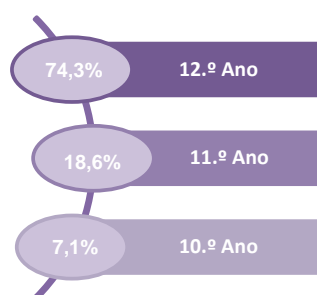
Comparando com os dados recolhidos em 2014 observam-se diferenças, uma vez que existiu um aumento de 16,4 pp entre os que reprovaram no 12.º ano (78,2% face a 61,8%) e conseqüentemente uma redução de 10,8 pp entre os que reprovaram no 10.º ano (10,6% face a 21,4%).

Figura 23 – Jovens que reprovaram no ensino secundário por ano de escolaridade da reprovação (%)



Nota:
 1) N= 219
 2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla
 Fonte:
 DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 24 – Jovens por ano de frequência no ensino secundário (%)



Nota:
 1) N= 295
 Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

No momento em que estes respondentes preencheram o questionário, 74,3% frequentavam o 12.º ano (Figura 24).

Apesar de ser expectável já terem concluído este ciclo de estudos ou estarem a frequentar o último ano, 18,6% encontravam-se no 11.º ano e 7,1% no 10.º ano. O facto de 26,7% dos jovens estarem a frequentar o 10.º ou 11.º ano pode estar relacionado com uma mudança de modalidade de ensino e/ou curso.

2.4. Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes

Os respondentes que se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, designados de trabalhadores estudantes, independentemente de terem ou não concluído o ensino secundário, representam 7,1% dos respondentes envolvidos neste processo de inquirição.

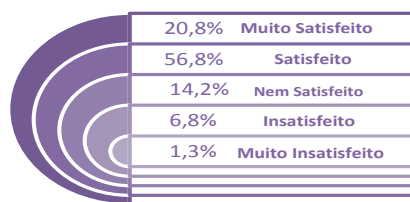
Os trabalhadores estudantes frequentavam na sua maioria o ensino superior (65,8%) e o ensino secundário (15,0%) (Figura 25). Comparando com os dados recolhidos em 2014, existe um aumento

Figura 25 – Jovens por formação frequentada no pós-secundário (%)



Nota:
 1) N= 1145
 Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 26 – Grau de satisfação dos jovens com o trajeto escolar no pós-secundário (%)



Nota:

1) N= 913

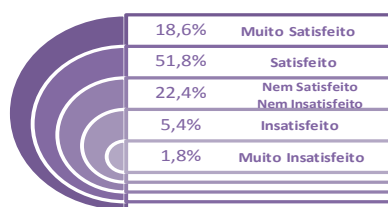
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

de 13,8 pp na percentagem de trabalhadores estudantes a frequentar o ensino superior (54,8% face a 52,0%) e uma redução de 8,5 pp na dos que se encontravam a frequentar o ensino secundário (15,0% face a 23,5%).

A maioria dos jovens encontrava-se satisfeita com o seu trajeto escolar (56,8%) ou muito satisfeita (20,8%) (Figura 26). Apenas 8,1% dos trabalhadores estudantes demonstraram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o seu trajeto escolar.

Os trabalhadores estudantes que frequentaram o ensino superior eram os que se encontravam mais satisfeitos (79,0%), apesar de existirem 13,8% que revelaram não estar nem satisfeitos nem insatisfeitos (Figura 27). Face a 2014, observa-se uma redução de 7,0 pp nos trabalhadores estudantes que se encontravam satisfeitos com o seu trajeto escolar (79,0% face a 86,0%).

Figura 27 – Grau de satisfação dos jovens trabalhadores-estudantes com o trajeto profissional (%)

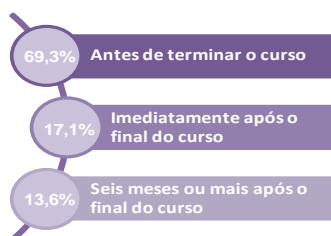


Nota:

1) N= 993

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 28 – Jovens por momento de inserção profissional (%)



Nota:

1) N= 986

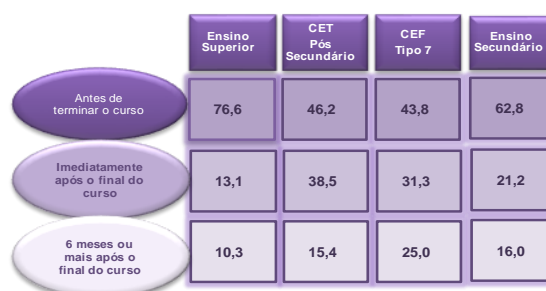
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

A maioria dos trabalhadores estudantes iniciou a sua atividade profissional antes de terminar o ensino secundário (69,3%), seguindo-se 17,1% que integraram o mercado de trabalho imediatamente após o final do curso (Figura 28). Estes dados, face aos de 2014, revelam um aumento de 5,2 pp de jovens que começaram a trabalhar antes de concluir o ensino secundário (69,3% face a 64,1%).

Como se pode verificar, a maioria dos estudantes integraram o mercado de trabalho antes de terminarem o ciclo de estudos ou imediatamente após a sua conclusão.

Os trabalhadores estudantes que mais começaram a trabalhar antes de terminar o ensino secundário foram os do ensino superior (76,6%) ou do ensino secundário (62,8%) (Figura 29).

Figura 29 – Jovens segundo a formação frequentada, por momento de inserção profissional (%)



Nota:

1) N= 878

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Analisando o grau de satisfação dos trabalhadores estudantes com o seu trajeto profissional constata-se que 51,8% estavam satisfeitos e 18,6% muito satisfeitos (Figura 29). Comparando com o grau de satisfação do percurso escolar, observa-se que os trabalhadores estudantes encontravam-se mais satisfeitos com o trajeto escolar do que com o trajeto profissional.

2.5. Trajeto de transição

Os trajetos de transição e/ou indefinidos referem-se aos jovens respondentes a este processo de inquirição que não estudavam nem trabalhavam, representando 5,9% do total de respondentes. Comparando estes dados com os recolhidos em 2014, constata-se que existiu uma redução de 3,6 pp na percentagem de jovens que se encontravam nesta situação (5,9% face a 9,5%).

Estes jovens foram questionados sobre quais as principais razões para desejarem começar a trabalhar, sendo evidenciadas primordialmente razões económicas, como: “terem a sua independência financeira” (75,4%), “dificuldades económicas” (32,9%) e “terem o seu próprio dinheiro apesar da família não ter dificuldades económicas” (24,8%) (Figura 30).

Figura 30 – Jovens por razões para querer começar a trabalhar (%)



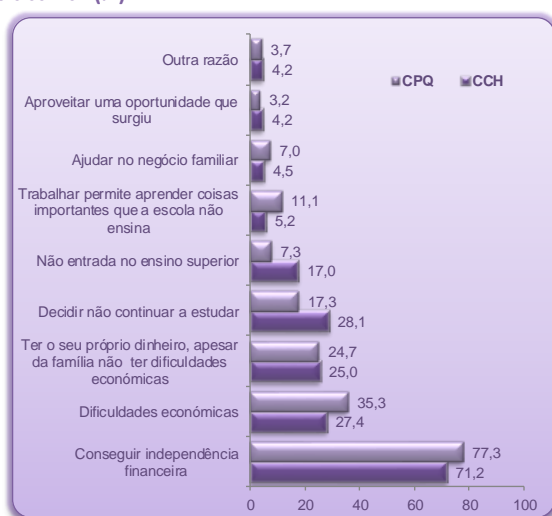
Nota:

1) N= 948

2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 31 – Jovens segundo o tipo de certificação no secundário, por razões para quererem começar a trabalhar (%)



Nota:

1) N= 948

2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Uma análise por tipo de certificação mostra que as diferenças são muito poucas, constatando-se que os jovens dos cursos profissionalmente qualificantes tendem a justificar mais a integração no mercado de trabalho por quererem “ter independência financeira” (77,3% face a 71,2%) e devido a “dificuldades económicas” (35,3% face a 27,4%) (Figura 31).

Por sua vez, o interesse em iniciar uma atividade profissional por parte dos jovens dos cursos científico-humanísticos é mais justificado pelo facto de “terem decidido não continuar a estudar” (28,1% face a 17,3%) e “não terem entrado no ensino superior” (17,0% face a 7,3%).

Figura 32 – Forma de obtenção de emprego pelos jovens (%)



Nota:

1) N= 948

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Quando se questionou os jovens sobre as formas de obtenção de emprego, a maioria referiu que “pediu ajuda a amigos ou familiares” (77,1%), “realizou candidaturas espontâneas” (75,6%), “inscreveu-se no centro de emprego” (67,8%) e “respondeu a anúncios que não concursos públicos” (48,0%) (Figura 32).

As formas menos adotadas pelos respondentes para arranjar um emprego foram: “conseguir colocação na empresa onde fez o estágio” (5,3%) e “solicitar ajuda aos professores” (12,7%).

3. Jovens dos cursos científico-humanísticos: que trajetos no pós-secundário?

Entre os respondentes ao Inquérito “Jovens no Pós-secundário 2016”, 73,1% concluíram no ensino secundário um curso científico-humanístico, em consonância com o facto de ter sido esta a oferta com maior percentagem de diplomados com ensino secundário em 2015 (72%).

Relativamente à atividade realizada no pós-secundário, a grande maioria referiu encontrar-se exclusivamente a estudar (86,4%). As situações de jovens trabalhadores estudantes representam apenas 5,7% e a percentagem dos que se encontravam apenas a trabalhar assume um valor muito residual de 4,5% (Figura 33).

Estes dados vão ao encontro dos objetivos desta oferta educativa que visa o prosseguimento de estudos superiores.

Figura 33 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por atividade realizada no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N=11090

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Segundo o nível de escolaridade dominante na família, constata-se que quanto mais elevadas são as habilitações escolares dos núcleos familiares, mais os jovens referiram estar a estudar (\leq 1.º CEB – 77,0% e ensino superior – 92,3%) (Quadro 6). O inverso acontece com os respondentes que se encontravam a trabalhar (\leq 1.º CEB – 11,3% e ensino superior – 1,0%) e os que não estudavam mas procuravam emprego (\leq 1.º CEB – 6,0% e ensino superior – 0,7%).

Quadro 6 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo o nível de escolaridade dominante na família, por atividade realizada (%)

| ATIVIDADE REALIZADA | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2.º e o 3.º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|-----------------------------|------------------------------|-------------------------|-------------------|-----------------|
| Estudante | 77,0 | 81,0 | 87,7 | 92,3 |
| Trabalhador | 11,3 | 7,8 | 3,8 | 1,0 |
| Estudante e trabalhador | 5,3 | 6,1 | 5,7 | 5,1 |
| Não estuda, procura emprego | 6,0 | 3,6 | 1,9 | 0,7 |
| Outra situação | 0,4 | 1,5 | 1,0 | 0,8 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N=10840

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Comparando estes dados com os recolhidos em 2014, observa-se que existiu um aumento de 2,7 pp na percentagem de jovens oriundos de famílias com uma escolaridade inferior ou igual ao 1.º Ciclo do Ensino Básico que se encontravam apenas a estudar (77,0% face a 74,3%) e uma redução de 3,5 pp na dos que não estudam, mas que procuram emprego (6,0% face a 9,5%), parecendo existir uma tendência para um maior investimento destes jovens no percurso escolar.

Quadro 7 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo a média das classificações no secundário, por atividade realizada (%)

| ATIVIDADE REALIZADA | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|-----------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Estudante | 80,8 | 92,3 | 97,2 |
| Trabalhador | 7,3 | 1,5 | 0,3 |
| Estudante e trabalhador | 6,4 | 4,7 | 1,9 |
| Não estuda, procura emprego | 4,0 | 0,8 | 0,1 |
| Outra situação | 1,5 | 0,7 | 0,4 |
| Total | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N=10279

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Tendo em consideração que a média das classificações assume uma grande importância na vida dos jovens que pretendem prosseguir estudos, procurou-se saber qual a média das classificações obtidas no fim deste ciclo de estudos. Os dados recolhidos revelam exatamente que quanto mais elevada a média das classificações, mais os jovens optaram por prosseguir estudos no pós-secundário (entre 18 e 20 valores – 97,2% e entre 15 e 17 valores – 92,3%) (Quadro 7).

Os respondentes cujas médias de classificações são mais baixas são aqueles que mais se encontravam numa situação de trabalhador estudante (10-14 valores – 6,4% face a 18-20 valores – 1,9%) ou à procura de emprego (10-14valores – 4,0% face a 18-20 valores – 0,1%).

3.1. Trajeto escolar no pós-secundário

Os jovens que concluíram um curso científico-humanístico e se encontravam exclusivamente a prosseguir estudos no pós-secundário, representam 59,2% do total de respondentes e representam 81,1% no sub-universo dos concluíram este tipo de formação. De seguida analisam-se quais as áreas de estudo escolhidas para o prosseguimento de estudos, as motivações destes jovens na escolha da área de estudo e o grau de satisfação com o percurso escolar.

Melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (46,2%) e poder exercer a profissão desejada (45,0%) são os motivos mais apontados para os jovens dos cursos científico-humanísticos terem prosseguido estudos pós-secundário (Figura 34).

Figura 34 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo o nível de escolaridade dominante na família, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)

| | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2.º e 3.º CEB | Ensino Secundário | Ensino Superior | Total |
|--|------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------|-------|
| Melhorar as possibilidades de encontrar um emprego | 50,8 | 49,2 | 47,0 | 42,4 | 46,2 |
| Poder exercer a profissão desejada | 40,1 | 43,7 | 44,6 | 47,0 | 45,0 |
| Gostar de aprender | 6,8 | 4,8 | 5,4 | 8,0 | 6,2 |

Nota:

(1) N=8975

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Os jovens provenientes de núcleos familiares com mais recursos escolares são os que mais consideraram continuar a estudar no pós-secundário para poderem exercer a profissão desejada (\leq 1.º CEB – 40,1% e ensino superior – 47,0%). Por outro lado, os respondentes oriundos de famílias onde o nível de escolaridade é mais baixo revelaram que continuar a estudar facilita a procura de um emprego (\leq 1.º CEB – 50,8% e ensino superior – 42,4%).

Uma abordagem das razões para prosseguirem estudos, segundo a média de classificações, revela também diferenças assinaláveis, uma vez que quanto mais elevada é a média das classificações dos

Figura 35 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo a média das classificações no secundário, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)

| | 10 - 14 Valores | 15 - 17 Valores | 18 - 20 Valores |
|--|-----------------|-----------------|-----------------|
| Melhorar as possibilidades de encontrar um emprego | 51,8 | 44,9 | 31,2 |
| Poder exercer a profissão desejada | 40,8 | 46,4 | 54,7 |
| Gostar de aprender | 3,8 | 6,7 | 12,4 |

Nota:

(1) N=8883

Fonte:

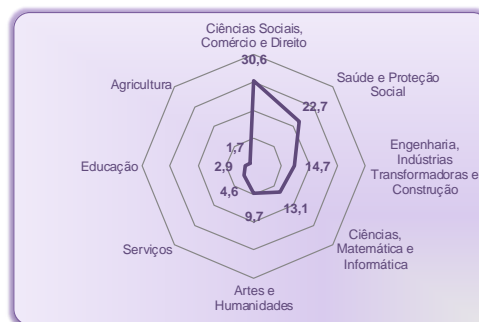
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

respondentes, mais estes admitem que continuaram a estudar para “poderem exercer a profissão desejada” (18-20 valores - 54,7% e 10-14 valores – 40,8%) e porque “gostam de aprender” (18-20 valores – 12,4% e 10-14 valores – 3,8%) (Figura 35).

Para os jovens com uma média de classificações mais baixa, o prosseguimento de estudos é entendido como elemento facilitador para encontrar um emprego no futuro (10-14 valores – 51,8% e 18-20 valores – 31,2%).

Relativamente às áreas de estudo que os jovens escolhem para frequentar no pós-secundário, quer seja no ensino superior (Licenciatura, Mestrado Integrado, TeSP), quer em cursos de especialização profissional (CEF, CET, entre outros), destacam-se as ciências sociais, comércio e direito (30,6%), saúde e proteção social (22,7%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (14,7%), ciências, matemática e informática (13,1%) e artes e humanidades (9,7%) (Figura 36).

Figura 36 – Jovens dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)



Nota:
(1) N=8959

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Interessa, ainda, perceber de forma individual,

Figura 37 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por área de estudo no ensino superior (%)



Nota:
(1) N=8816

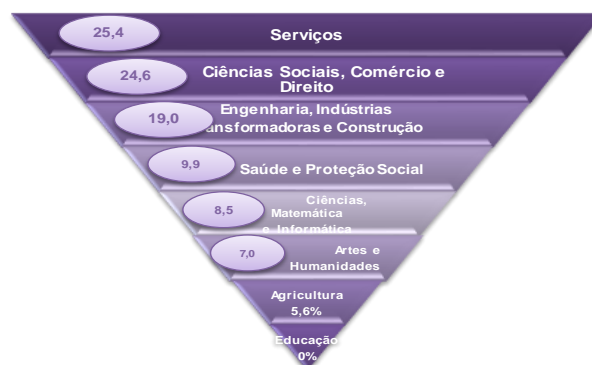
Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

quais as áreas de estudo mais procuradas pelos jovens que frequentam o ensino superior e pelos jovens que frequentam um curso de especialização profissional.

Para os respondentes dos cursos científico-humanísticos que estavam a frequentar o ensino superior, as escolhas recaem sobre as ciências sociais, comércio e direito (30,6%), saúde e proteção social (23,0%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (14,1%), ciências, matemática e informática (14,6%) e artes e humanidades (13,1%) (Figura 37).

No caso dos respondentes que optaram por um curso de especialização profissional, a área de estudo mais escolhida foi a área dos serviços (24,2%), ciências sociais, comércio e direito (24,2%) engenharia, indústrias transformadoras e construção (17,8%) e saúde e proteção social (10,1%) (Figura 38).

Figura 38 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por área de estudo nos cursos de especialização profissional (%)



Nota:
(1) N=142

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Em relação às habilitações escolares da família, quanto mais elevados são os recursos escolares, mais os jovens tendem a escolher a área da engenharia, indústrias transformadoras

e construção desejada (\leq 1.º CEB – 9,4% e ensino superior – 20,2%) enquanto os jovens oriundos de famílias com um nível de escolaridade mais baixo optaram mais pela área das ciências sociais, comércio e direito (\leq 1.º CEB – 34,8% e ensino superior – 29,9%) (Quadro 8).

Os jovens com as médias das classificações mais altas escolheram, preferencialmente, as áreas da saúde e proteção social (18-20 valores – 39,7% e 10-14 valores – 18,7%) e da engenharia, indústrias transformadoras e construção (18-20 valores – 18,9% e 10-14 valores – 12,3%) (Quadro 9), enquanto nos jovens com médias mais

Quadro 9 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo a média das classificações no secundário, por área de estudo no ensino superior (%)

| ÁREA DE ESTUDO | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|---|---------------|---------------|---------------|
| Educação | 5,2 | 1,2 | 0,2 |
| Artes e Humanidades | 11,0 | 9,8 | 5,6 |
| Ciências Sociais, Comércio e Direito | 31,5 | 31,6 | 23,1 |
| Ciências, Matemática e Informática | 12,1 | 15,3 | 10,8 |
| Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção | 12,3 | 15,9 | 18,9 |
| Agricultura | 1,7 | 1,8 | 1,5 |
| Saúde e Proteção Social | 18,7 | 21,3 | 39,7 |
| Serviços | 7,5 | 3,1 | 0,2 |

Nota:
(1) N=8701

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

necessitam de uma média de excelência escolar.

Posteriormente questionou-se os jovens sobre se o curso que frequentavam tinha sido a sua primeira opção, constatando-se que 74,6% estava a frequentar o curso que desejava (Figura 39).

As opções quanto à área de estudo do curso a seguir são difíceis e impactam o futuro escolar e profissional dos jovens. Neste sentido, considerou-se pertinente perceber quais as suas motivações na escolha do curso ou formação a seguir no pós-secundário.

Quadro 8 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo o nível de escolaridade dominante na família, por área de estudo no ensino superior (%)

| ÁREA DE ESTUDO | Igual ou inferior ao 1º CEB | Entre o 2º e o 3º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|---|-----------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------|
| Educação | 4,6 | 4,4 | 3,3 | 1,2 |
| Artes e Humanidades | 9,7 | 9,1 | 11,9 | 8,0 |
| Ciências Sociais, Comércio e Direito | 34,8 | 31,6 | 29,7 | 29,9 |
| Ciências, Matemática e Informática | 12,4 | 13,1 | 13,4 | 13,1 |
| Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção | 9,4 | 10,8 | 12,7 | 20,2 |
| Agricultura | 1,3 | 1,5 | 1,2 | 2,3 |
| Saúde e Proteção Social | 22,4 | 24,5 | 22,3 | 22,1 |
| Serviços | 5,4 | 5,1 | 5,6 | 3,2 |

Nota:

(1) N=8775

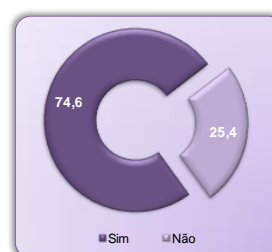
Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

baixas a escolha recaiu na área das ciências sociais, comércio e direito (18-20 valores – 23,1% e 10-14 valores – 31,5%).

Estes dados estão em concordância com as exigências das médias de acesso ao ensino superior para cada uma das áreas de estudo, uma vez que os jovens para terem acesso a cursos inseridos nas áreas da saúde e da engenharia, indústrias transformadoras e construção

Figura 39 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por escolha do curso ser a primeira opção (%)



Nota:

(1) N=9015

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 40 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por razões para a escolha do curso ou formação (%)



Nota:

(1) N=9216

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

A possibilidade de “desempenhar a profissão desejada” (46,2%), “ser o curso que gostariam de estudar” (41,8%), “oferecer boas oportunidades de emprego” (31,4%) e “ter qualidade” (23,2%) foram as razões mais apontadas pelos respondentes (Figura 40).

Analisando estas razões segundo a média das classificações obtidas no ensino secundário observa-se que quanto mais elevadas as médias mais os jovens admitiram ter escolhido o curso por ser “o que mais gostavam de estudar” (18-20 valores – 50,3% face a 10-14 valores – 36,1%),

por “ter qualidade” (18-20 valores – 28,5% face a 10-14 valores – 20,2%) e por “ter prestígio” (18-20 valores – 16,8% face a 10-14 valores – 8,9%) (Quadro 10).

Os respondentes cuja média das classificações é mais baixa tendem a apontar mais como razões para a escolha do curso o facto de “dar boas oportunidades de emprego” (18-20 valores – 29,9% face a 10-14 valores – 33,3%), “ser muito prático” (18-20 valores – 3,5% face a 10-14 valores – 11,5%) e “não terem dificuldades a entrar” (18-20 valores – 1,5% face a 10-14 valores – 7,0%).

Quadro 10 – Jovens dos cursos científico-humanísticos segundo a média das classificações no secundário por razões para a escolha do curso ou formação (%)

| RAZÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO OU FORMAÇÃO | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|--|---------------|---------------|---------------|
| Permite-me desempenhar a profissão que eu quero | 46,4 | 46,7 | 46,9 |
| É o que eu gosto de estudar | 36,1 | 45,7 | 50,3 |
| É um curso que dá boas oportunidades de emprego | 33,3 | 29,8 | 29,9 |
| É um curso com qualidade | 20,2 | 24,6 | 28,5 |
| É um curso muito prático | 11,5 | 9,5 | 3,5 |
| É um curso com muito prestígio | 8,9 | 12,1 | 16,8 |
| É um curso em que não tive dificuldade em entrar | 7,0 | 2,1 | 1,5 |
| Não há outro curso que eu goste | 4,0 | 4,3 | 4,8 |
| Tenho pessoas que são dessa área | 3,0 | 2,5 | 0,8 |
| Outra razão | 2,6 | 2,0 | 2,2 |

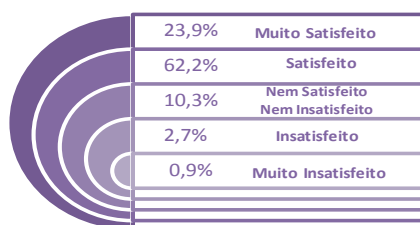
Nota:

(1) N=8933

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 41 – Grau de satisfação dos jovens dos cursos científico-humanísticos com o trajeto escolar no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N=9214

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

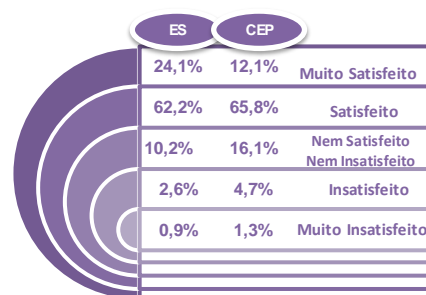
A maioria destes jovens mostrou-se satisfeito (62,2%) ou muito satisfeito (23,9%) com o percurso escolar no pós-secundário (Figura 41).

Apenas 3,6% de respondentes referiram estar insatisfeito ou muito insatisfeito com o seu percurso escolar.

Analisando este grau de satisfação por tipo de formação frequentada no pós-secundário, verifica-se que os jovens que frequentavam o ensino superior eram os mais satisfeitos com o seu percurso escolar quando comparados com os que frequentavam cursos de especialização profissional (86,3% e 77,9%) (Figura 42).

Os respondentes que frequentavam cursos de especialização profissional eram os que mais demonstraram uma posição neutra (16,1% e 10,2%).

Figura 42 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por grau de satisfação face ao trajeto escolar, segundo formação frequentada (%)



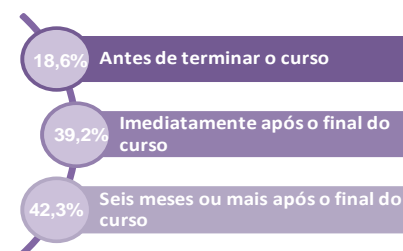
Nota:
(1) N=
(2) ES – Ensino superior; CEP – Cursos de especialização profissional
Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

3.2. Trajeto profissional

Os jovens detentores de um curso científico-humanístico e que se encontravam exclusivamente a trabalhar representam apenas 3,1% do total de respondentes (4,3% no sub-universo dos concluíram um curso científico-humanístico).

Analisando o momento de inserção profissional destes jovens, observa-se que a maioria começou a trabalhar seis ou mais meses após o final do curso (42,3%), 39,2% imediatamente após o final do curso e 18,6% antes de terminar o curso (Figura 43).

Figura 43 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por momento de inserção profissional no pós-secundário (%)



Nota:
(1) N=452
Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 44 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por razões para começarem a trabalhar (%)



Nota:
(1) N=451
2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla
Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

A maioria destes respondentes começou a trabalhar porque desejava “conseguir a sua independência financeira” (57,4%). Também significativo é o grupo dos que referiram ter “dificuldades económicas” (24,9%) e o dos que tomaram a “decisão de não continuar a estudar” (22,7%) (Figura 44). As questões económicas são os motivos mais referidos pelos jovens para terem começado a trabalhar.

A maioria dos jovens respondentes inseriu-se no mercado de trabalho por iniciativa pessoal de procurar emprego através de uma candidatura espontânea (33,9%) ou porque teve a ajuda de amigos e/ou familiares (24,8%) (Quadro 11).

De forma mais residual, 9,5% dos respondentes referiu ter conseguido o emprego “através da resposta a um anúncio”, 8,9% através da “inscrição num centro de emprego” e 6,4% “concorreu a um concurso público”.

Quadro 11 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por modo de inserção profissional (%)

| MODO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL | % |
|---|------------|
| Candidatura espontânea | 33,9 |
| Com ajuda de amigos e/ou familiares | 24,8 |
| Resposta a um anúncio (que não um concurso público) | 9,5 |
| Inscrição no centro de emprego | 8,9 |
| Inscrição num concurso público | 6,4 |
| Inscrição numa agência de trabalho temporário | 5,8 |
| Colocação na empresa onde fiz estágio | 2,0 |
| Criação de um negócio, sozinho ou com outros | 1,6 |
| Através da ajuda de professores | 0,2 |
| Outro meio | 6,9 |
| TOTAL | 100 |

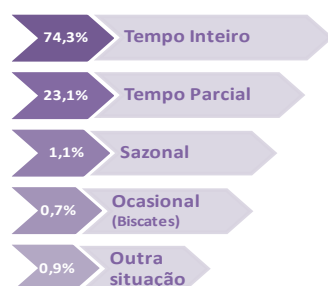
Nota:

(1) N=451

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 45 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por condição perante o trabalho (%)



Nota:

(1) N=451

Fonte:

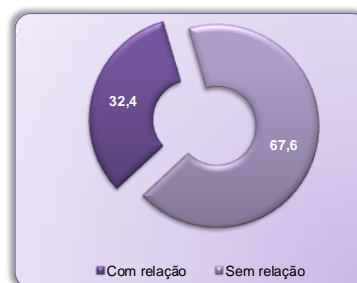
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

No que diz respeito à condição perante o trabalho, observa-se que 75,0% dos jovens estavam a trabalhar a tempo inteiro e 22,2% a tempo parcial (Figura 45).

Salienta-se que o trabalho sazonal (1,2%) e o trabalho ocasional (0,7%) apresentam valores muito residuais pois estamos perante jovens que no momento da inquirição estavam exclusivamente a trabalhar.

Uma análise entre a relação da profissão atual e a que estes jovens pensam vir a seguir no futuro revela que 68,5% destes consideram que a profissão que estão a desempenhar não está relacionada com aquela que gostariam de fazer no futuro (Figura 46).

Figura 46 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)



Nota:

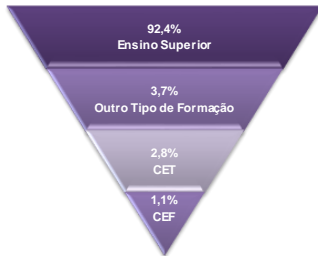
(1) N=450

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

3.3. Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes

Figura 47 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos por formação frequentada no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N= 614

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

De seguida procura-se analisar o trajeto escolar e profissional dos 5,3% de jovens dos cursos científico-humanísticos que se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, designados de trabalhadores estudantes.

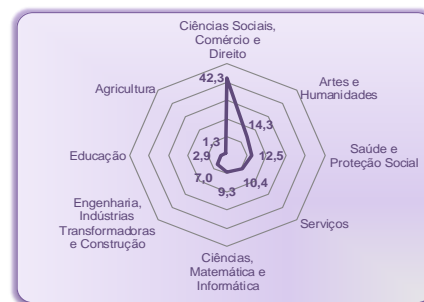
A maioria dos trabalhadores estudantes encontravam-se a frequentar o ensino superior (92,4%) e 3,7% outro tipo de formação (Figura 47). A frequência de cursos de especialização profissional pós-secundários é residual

uma vez que apenas 3,9% optaram por um desses cursos (CET – 2,8% e CEF -1,1%).

As áreas de estudo mais escolhidas pelos jovens trabalhadores estudantes que prosseguiram estudos pós-secundários foram as ciências sociais, comércio e direito (42,3%), seguindo-se as artes e humanidades (14,3%), a saúde e proteção social (12,5%) e serviços (10,4%) (Figura 48).

As motivações para a escolha da área de estudo/course foram: o facto de “permitir desempenhar a profissão que pretendem

Figura 48 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)



Nota:

(1) N= 546

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Quadro 12 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos que prosseguiram estudos pós-secundários, por razões para a escolha do curso ou formação (%)

| RAZÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO OU FORMAÇÃO | % |
|--|------|
| Permite-me desempenhar a profissão que eu quero | 43,4 |
| É o que eu gosto de estudar | 37,7 |
| É um curso que dá boas oportunidades de emprego | 31,5 |
| É um curso com qualidade | 20,9 |
| É um curso com muito prestígio | 12,8 |
| É um curso muito prático | 11,8 |
| É um curso em que não tive dificuldade em entrar | 5,0 |
| Tenho pessoas que são dessa área | 4,5 |
| Não há outro curso que eu goste | 3,8 |
| Outra razão | 7,4 |

Nota:

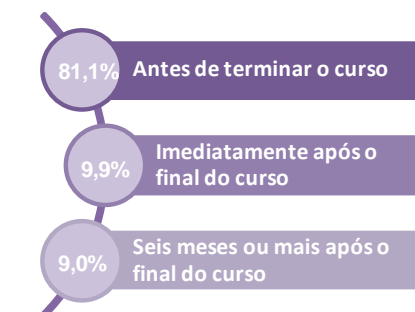
(1) N= 578

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

seguir” (43,4%), “ser o curso que gostam de estudar” (37,7%), “dar boas oportunidades de emprego” (31,5%) e “ser um curso com qualidade” (20,9%) (Quadro 12). Como se pode verificar, estes jovens valorizaram, essencialmente, a possibilidade de fazer um curso que permita alcançar as suas expetativas profissionais, sendo muito residual o valor daqueles que declaram ter optado por “um curso em que não tiveram dificuldade em entrar” (5,0%), terem “pessoas que são dessa área” (4,5%) e “não existir outro curso de que gostem” (3,8%).

Figura 50 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos por momento de inserção profissional (%)



Nota:

(1) N= 534

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

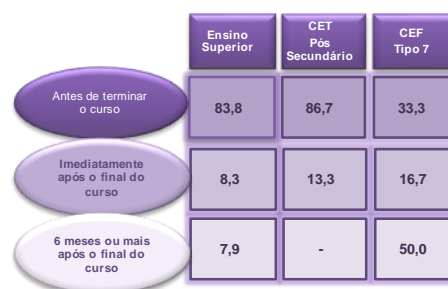
De seguida procura-se analisar a inserção profissional dos jovens dos cursos científico-humanísticos que se encontram numa situação de trabalhadores estudantes. Consta-se que 81,1% iniciou a sua atividade profissional antes de terminar o ensino secundário e 9,9% imediatamente após o final do curso (Figura 50).

Os dados revelam que a maioria destes jovens tendem a começar a trabalhar ainda durante o percurso escolar no ensino secundário ou imediatamente após a sua conclusão, sendo muito residual a percentagem dos que arranjam trabalho seis meses ou mais após o final do curso (9,8%).

Quem mais integrou o mercado de trabalho antes de terminar o ensino secundário foram os trabalhadores estudantes que frequentavam o ensino superior (83,8%) e os CET no pós-secundário (86,7%) (Figura 51).

Por outro lado, são os que frequentaram um curso de educação e formação quem mais começou a trabalhar seis ou mais meses após o final do curso (50,0%).

Figura 51 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos segundo a formação frequentada, por condição perante o trabalho (%)



Nota:

1) N=501

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Por nível de escolaridade dominante na família constata-se que quanto mais elevadas as habilitações escolares das famílias dos jovens trabalhadores estudantes, mais estes começaram a trabalhar antes

Quadro 13 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por nível de escolaridade dominante na família (%)

| MOMENTO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2º e o 3º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|--|------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------|
| Antes de terminar o curso | 68,2 | 82,9 | 79,2 | 82,1 |
| Imediatamente após o final do curso | 13,6 | 8,6 | 13,1 | 7,7 |
| Seis meses ou mais após o final do curso | 18,2 | 8,6 | 7,7 | 10,3 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

1) N= 521

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

de terminarem o curso (\leq 1.º CEB – 68,2% e ensino superior – 81,1%) (Quadro 13). Quanto menores os recursos escolares das famílias, mais os respondentes integraram o mercado de trabalho seis meses ou mais após o final do curso (\leq 1.º CEB – 18,2% e ensino superior – 10,3%) ou imediatamente após o final do curso (\leq 1.º CEB – 13,6% e ensino superior – 7,7%).

Segundo a média de classificações também se observa diferenças assinaláveis, pois quanto mais elevada a média das classificações, mais os trabalhadores estudantes integraram o mercado de trabalho antes de terminar o curso (18-20 valores – 96,0% face a 10-14 valores – 78,3%). Comparativamente, os que tiveram notas mais baixas apresentam uma maior tendência para começar a trabalhar imediatamente a seguir ao final do curso (18-20 valores – 0% face a 10-14 valores – 11,0%) ou seis meses ou mais após o final do curso (18-20 valores – 4,0% face a 10-14 valores – 10,7%) (Quadro 14).

Quadro 14 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos, por média global das classificações no ensino secundário (%)

| MOMENTO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|--|---------------|---------------|---------------|
| Antes de terminar o curso | 78,3 | 83,7 | 96,0 |
| Imediatamente após o final do curso | 11,0 | 9,6 | - |
| Seis meses ou mais após o final do curso | 10,7 | 6,7 | 4,0 |
| Total | 100 | 100 | 100 |

Nota:

1) N=521

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 52 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos por razões para terem começado a trabalhar (%)



Nota:

(1) N= 540

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

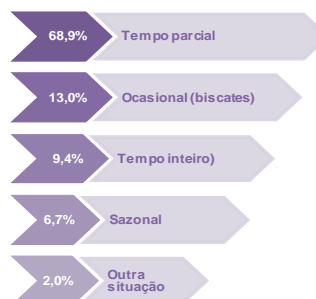
As questões económicas, quer sejam para ter autonomia ou por dificuldades financeiras, são as mais referidas para os trabalhadores estudantes terem começado a trabalhar (Figura 52).

A maioria começou a trabalhar para “ter independência financeira” (60,7%), por “ter dificuldades económicas” (34,1%), ou porque “apesar da família não ter dificuldades económicas, queriam ter o seu próprio dinheiro” (25,7%) e porque “surgiu uma oportunidade que decidiu aproveitar” (21,1%).

A condição perante o trabalho destes trabalhadores estudantes revelou que 65,6% trabalhava a tempo parcial, o que não é natural uma vez que estes têm que conciliar os estudos com o trabalho (Figura 53).

Os jovens que trabalhavam a tempo inteiro representam 14,7%, seguindo-se os que realizavam trabalhos pontuais (11,7%).

Figura 53 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos por condição perante o trabalho (%)



Nota:

(1) N= 540

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Quadro 15 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos por grande grupo profissional (%)

| GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM | % |
|--|------------|
| Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos | 3,9 |
| Especialistas das atividades intelectuais e científicas | 10,0 |
| Técnicos e profissionais de nível intermédio ¹ | 10,0 |
| Pessoal administrativo | 5,5 |
| Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores | 61,4 |
| Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta | - |
| Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies | 3,4 |
| Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem | - |
| Trabalhadores não qualificados | 5,9 |
| Total | 100 |

Nota:

1) N= 440

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

A maioria das profissões desempenhadas pelos trabalhadores estudantes insere-se no grande grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (61,4%), seguindo-se os “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (10,0%) e os “técnicos e profissionais de nível intermédio” (10,0%) (Quadro 15).

4. Jovens dos cursos profissionais: a primazia de um percurso profissional

Neste ponto, analisa-se os resultados dos 23,4% de respondentes que frequentaram e terminaram um curso profissional no ensino secundário. A atividade realizada por estes respondentes mostrou que a maioria se encontrava a trabalhar (53,6%). Este resultado está alinhado com os objetivos desta modalidade de ensino, direcionada para uma integração imediata no mercado de trabalho com certificação profissional, após a conclusão do ensino secundário (Figura 54). Dos restantes respondentes, cerca de ¼ dos jovens estavam exclusivamente a estudar (37,4%) e 15,8% não estudavam, mas procuravam emprego.

Figura 54 – Jovens dos cursos profissionais por atividade realizada no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N=3792

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Comparando estes dados com os recolhidos em 2014, verificam-se grandes diferenças, existindo um aumento de 7,5 pp na percentagem dos que trabalham (46,9% face a 39,4%) e de 4,5 pp na dos que estudam (27,4% face a 22,9%), e, conseqüentemente, uma redução de 10,9 pp na dos que não estudam mas estão à procura de emprego (15,8% face a 26,7%). Esta redução na percentagem de respondentes dos cursos profissionais que procura emprego indicia uma tendência para uma maior empregabilidade destes jovens.

Quadro 16 – Jovens dos cursos profissionais segundo o nível de escolaridade dominante na família, por atividade realizada (%)

| ATIVIDADE REALIZADA | Inferior ou igual ao 1.º CEB | ENTRE O 2.º E O 3.º CEB | ENSINO SECUNDÁRIO | ENSINO SUPERIOR |
|-----------------------------|------------------------------|-------------------------|-------------------|-----------------|
| Estudante | 15,0 | 22,5 | 35,7 | 51,7 |
| Trabalhador | 56,2 | 51,8 | 40,8 | 25,8 |
| Estudante e trabalhador | 3,4 | 5,7 | 8,7 | 10,3 |
| Não estuda, procura emprego | 22,1 | 17,1 | 11,7 | 9,4 |
| Outra situação | 3,2 | 2,9 | 3,2 | 2,7 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N=3543

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Uma abordagem do nível de escolaridade dominante na família permite observar que os jovens oriundos de famílias cujos recursos escolares são mais elevados tendem mais a estudar (\leq 1.º CEB – 15,0% e ensino superior – 51,7%) ou estar numa situação de trabalhador estudante (\leq 1.º CEB – 3,4% e ensino superior – 10,3%) (Quadro 16). Numa situação inversa estavam os jovens que se encontram a

trabalhar (\leq 1.º CEB – 56,2% e ensino superior – 25,8%) e os que não estudam mas procuram emprego (\leq 1.º CEB – 22,1% e ensino superior – 9,4%).

Quando se compara com os dados recolhidos em 2014, constata-se que existiu um aumento de 8,2 pp na percentagem de jovens oriundos de famílias com uma escolaridade inferior ou igual ao 1.º CEB que se encontram a trabalhar (56,2% face a 48,0%) e uma redução de 8,1 pp na dos que não estudam, mas que procuram emprego (22,1% face a 30,2%). De realçar ainda o aumento de 8,2 pp na percentagem de jovens provenientes de famílias com o ensino superior que estudam, e uma redução de 10,7 pp na dos que não estudam, mas procuram emprego.

Quanto mais elevadas são as médias dos jovens dos cursos profissionais, mais estes referiram estar a estudar (18-20 valores – 42,0% face a 10-14 valores – 24,5%) ou numa situação de trabalhador-estudante (18-20 valores – 9,4% face a 10-14 valores – 5,8%) (Quadro 17).

Os que obtiveram uma média de classificações mais baixas têm mais tendência para estar a trabalhar (10-14 valores – 45,0% face a 18-20 valores – 40,9%) ou à procura de emprego (10-14 valores – 21,0% face a 18-20 valores – 5,5%).

Comparando estes dados com os de 2014, observa-se que existiu um aumento de 6,9 pp na percentagem dos jovens que obtiveram uma média entre os 10 e os 14 valores que se encontravam a trabalhar (45,0% face a 38,1%) e uma redução de 11,3 pp na dos que estão à procura de emprego (21,0% face a 32,3%). Simultaneamente, também se encontraram diferenças para os jovens com uma média de excelência escolar, verificando-se um aumento de 17,0 pp entre os que estudam (42,0% face a 25,0%) e uma redução de 7,8 pp entre os que procuram emprego (5,5% face a 13,3%).

Quadro 17 – Jovens dos cursos profissionais segundo a média das classificações no secundário, por atividade realizada (%)

| ATIVIDADE REALIZADA | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|-----------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Estudante | 24,5 | 30,0 | 42,0 |
| Trabalhador | 45,0 | 47,6 | 40,9 |
| Estudante e trabalhador | 5,8 | 6,8 | 9,4 |
| Não estuda, procura emprego | 21,0 | 12,4 | 5,5 |
| Outra situação | 3,8 | 3,1 | 2,2 |
| Total | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N=3377

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

De seguida apresenta-se uma análise da situação dos jovens no momento de inquirição por área de educação e formação, tendo em consideração não só as respostas ao Inquérito “Jovens no pós-secundário em 2016”, mas também as respostas ao inquérito lançado no final de 2014 (Quadro 18).

Os jovens que frequentaram cursos profissionais inseridos nas áreas das artes do espetáculo (53,7%), história e arqueologia (43,5%), produção agrícola e animal (35,0%) e tecnologia dos processos químicos (34,2%) são os que mais se encontravam apenas a estudar, enquanto os que frequentaram as áreas da construção e reparação de veículos a motor (64,0%), metalurgia e metalomecânica (60,0%), hotelaria e restauração (58,3%) e eletrónica e automação (54,6%) eram os que mais estavam apenas a trabalhar.

Quadro 18 – Jovens dos cursos profissionais segundo atividade realizada, por área de educação e formação (%)

| ÁREA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO | Estuda | Trabalha | Estuda e trabalha | Já não estuda, mas está à procura de emprego | Outra situação | Taxa de empregabilidade e/ou Prosseguimento de Estudos |
|---|--------|----------|-------------------|--|----------------|--|
| Artes do Espetáculo | 53,7 | 18,1 | 14,1 | 10,7 | 3,4 | 85,9 |
| Saúde - programas não classificados noutra área de formação | 24,1 | 52,2 | 5,4 | 15,8 | 2,5 | 81,7 |
| Electrónica e automação | 23,4 | 54,6 | 3,6 | 14,2 | 4,2 | 81,6 |
| Metalurgia e metalomecânica | 15,2 | 60,0 | 5,5 | 15,2 | 4,1 | 80,7 |
| Contabilidade e fiscalidade | 20,9 | 50,4 | 8,7 | 13,9 | 6,1 | 80,0 |
| Construção e reparação de veículos a motor | 12,0 | 64,0 | 4,0 | 20,0 | 0,0 | 80,0 |
| Indústrias do têxtil, vestuário, calçado e couro | 23,6 | 48,3 | 7,9 | 16,9 | 3,4 | 79,8 |
| Gestão e administração | 24,2 | 44,8 | 10,4 | 18,1 | 2,5 | 79,4 |
| Electricidade e energia | 21,8 | 51,3 | 5,9 | 18,4 | 2,5 | 79,0 |
| Produção agrícola e animal | 35,0 | 33,0 | 11,0 | 16,0 | 5,0 | 79,0 |
| Hotelaria e restauração | 15,8 | 58,3 | 4,6 | 17,5 | 3,8 | 78,7 |
| Tecnologia dos processos químicos | 34,2 | 36,4 | 8,0 | 17,3 | 4,0 | 78,7 |
| História e Arqueologia | 43,5 | 30,4 | 4,3 | 21,7 | 0,0 | 78,3 |
| Silvicultura e caça | 21,7 | 47,8 | 8,7 | 13,0 | 8,7 | 78,3 |
| Desporto | 27,3 | 40,4 | 10,4 | 19,1 | 2,7 | 78,1 |
| Construção civil e engenharia civil | 27,8 | 30,6 | 16,7 | 25,0 | 0,0 | 75,0 |
| Comércio | 17,1 | 51,3 | 5,9 | 23,0 | 2,7 | 74,3 |
| Ciências informáticas | 28,6 | 36,9 | 7,7 | 22,7 | 4,1 | 73,2 |
| Marketing e publicidade | 29,4 | 36,9 | 6,7 | 23,2 | 3,7 | 73,1 |
| Serviços de apoio a crianças e jovens | 19,0 | 47,4 | 6,0 | 24,2 | 3,3 | 72,5 |
| Secretariado e trabalho administrativo | 18,4 | 50,0 | 2,9 | 26,2 | 2,4 | 71,4 |
| Direito | 22,8 | 40,4 | 7,0 | 24,6 | 5,3 | 70,2 |
| Turismo e lazer | 23,6 | 39,6 | 6,3 | 26,3 | 4,3 | 69,4 |
| Trabalho social e orientação | 22,3 | 41,7 | 5,1 | 25,1 | 5,8 | 69,1 |
| Protecção do ambiente - programas transversais | 29,4 | 32,4 | 4,9 | 27,5 | 5,9 | 66,7 |
| Indústrias alimentares | 26,0 | 30,1 | 9,6 | 31,5 | 2,7 | 65,8 |
| Finanças, banca e seguros | 18,8 | 34,4 | 12,5 | 31,3 | 3,1 | 65,6 |
| Áudio-visuais e produção dos media | 28,1 | 31,0 | 6,6 | 29,4 | 5,0 | 65,6 |
| Protecção de pessoas e bens | 20,0 | 34,3 | 8,6 | 34,3 | 2,9 | 62,9 |
| Segurança e higiene no trabalho | 12,5 | 43,2 | 2,3 | 37,5 | 4,5 | 58,0 |

Nota:

(1) N=8048

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016 e DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2014.

procura de emprego é mais elevada.

Uma análise da taxa de empregabilidade e/ou prosseguimento de estudos por área de educação e formação, permite observar que são as áreas das artes do espetáculo (85,9%), da saúde (81,7%), da eletrónica e automação (81,6%), da metalurgia e metalomecânica (80,7%), da construção e reparação de veículos a motor (80,0%) e da contabilidade e fiscalidade (80,0%) as que têm uma taxa mais elevada.

Por sua vez, as áreas da construção civil e engenharia civil (16,7%), artes do espetáculo (14,1%), finanças, banca e seguros (12,5%) e produção agrícola e animal (11,0%) são as que têm percentagens mais elevadas de trabalhadores estudantes.

Por fim, as áreas da segurança e higiene no trabalho (37,5%), protecção de pessoas e bens (34,3%), indústrias alimentares (31,5%) e finanças, banca e seguros (31,3%) são aquelas em que a percentagem de jovens que estavam à

Ao analisar-se o contributo da empregabilidade e do prosseguimento de estudos nos valores assumidos por este indicador, verificamos que as áreas de eletrónica e automação (78,0%), saúde (76,3%), construção e reparação de veículos a motor (76,0%) e artes do espetáculo (71,8%) são aquelas em que o prosseguimento de estudos mais contribui para o valor elevado da taxa, enquanto para as áreas da construção e reparação de veículos a motor (68,0%), metalurgia e metalomecânica (65,5%), hotelaria e restauração (63,0%) e contabilidade e fiscalidade (59,1%) em que a empregabilidade dá maior contributo.

As atividades realizadas pelos jovens dos cursos profissionais também diferem quando consideramos as regiões de Portugal continental, constatando-se que as regiões Centro (30,7%) e Alentejo (29,0%) são aquelas em que mais jovens se encontravam apenas a estudar, enquanto as regiões Norte (53,1%) e Algarve (49,4%) são aquelas onde mais jovens se encontravam apenas a trabalhar (Quadro 19). De salientar ainda, que as regiões onde se concentram a maior percentagem de trabalhadores estudantes são a Área Metropolitana de Lisboa (11,6%) e Algarve (8,0%) e aquelas com maior percentagem de jovens à procura de emprego são o Alentejo (19,3%) e o Norte (16,5%).

Quadro 19 - Jovens dos cursos profissionais segundo NUTS II, por atividade realizada (%)

| ATIVIDADE REALIZADA | Norte | Centro | Área Metropolitana de Lisboa | Alentejo | Algarve |
|-----------------------------|------------|------------|------------------------------|------------|------------|
| Estudante | 23,5 | 31,7 | 28,8 | 30,0 | 28,7 |
| Trabalhador | 52,8 | 43,0 | 41,8 | 43,3 | 46,9 |
| Estudante e trabalhador | 5,0 | 6,3 | 11,1 | 4,7 | 7,7 |
| Não estuda, procura emprego | 16,3 | 15,0 | 15,3 | 19,5 | 11,9 |
| Outra situação | 2,5 | 4,1 | 3,1 | 2,5 | 4,9 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N=3792

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

4.1. Trajetos escolares no pós-secundário

Os jovens que concluíram um curso profissional e que no momento de inquirição se encontravam exclusivamente a estudar no pós-secundário representam 6,4% do total de respondentes (27,4% entre os que concluíram um curso profissional).

Figura 55 – Jovens dos cursos profissionais segundo o nível de escolaridade dominante na família, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)

| | ≤ 1.º CEB | 2.º e 3.º CEB | Ensino Secundário | Ensino Superior | Total |
|--|-----------|---------------|-------------------|-----------------|-------|
| Melhorar as possibilidades de encontrar um emprego | 52,4 | 51,0 | 57,0 | 51,7 | 53,4 |
| Poder exercer a profissão desejada | 34,5 | 37,5 | 32,8 | 36,1 | 35,4 |
| Gostar de aprender | 5,2 | 5,6 | 6,1 | 4,8 | 5,6 |

Nota:

(1) N=837

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

A razão mais referida para estes jovens prosseguirem estudos no pós-secundário é “melhorar a possibilidade de encontrar um emprego” (53,4%) e “poderem exercer a profissão desejada” (35,4%) (Figura 55). De facto, mais de metade destes respondentes continuou a estudar porque considera que realizando um

curso pós-secundário tem mais facilidade em integrar o mercado de trabalho.

Como se pode observar pela figura 55, as razões para prosseguir estudos no pós-secundário não apresentam grandes diferenças por nível de escolaridade dominante na família.

Quando se analisa as razões para prosseguirem estudos, segundo a média de classificações verificam-se diferenças assinaláveis. Quanto mais elevada a média das classificações dos jovens dos cursos profissionais, mais estes admitiram continuar a estudar para “poderem exercer a profissão desejada” (18-20 valores – 46,5% face a 10-14 valores – 33,9%) e porque “gostam de aprender” (18-20 valores – 7,0% face a 10-14 valores – 4,5%) (Figura 56).

Figura 56 - Jovens dos cursos profissionais segundo a média das classificações no secundário, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)



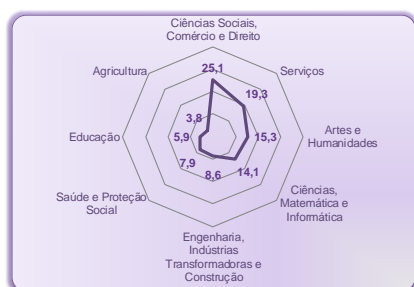
Nota:

(1) N=854

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 57 – Jovens dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)



Nota:

(1) N=845

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

em escolhidas foram as ciências sociais, comércio e direito (25,1%), serviços (19,3%), artes e humanidades (15,3%), ciências, matemática e informática (14,1%) (Figura 57).

As áreas da agricultura (3,8%) e da educação (5,9%) foram as áreas de estudo menos escolhidas pelos alunos que frequentaram um curso profissional no ensino secundário.

Numa situação diferente encontram-se os respondentes cuja média de classificações é mais baixa, uma vez que estes tendem mais a prosseguir estudos para melhorar as possibilidades de encontrar um emprego (18-20 valores – 42,3% face a 10-14 valores – 53,9%)

Questionando os jovens sobre a área de estudo que estavam a frequentar no pós-secundário, constata-se que as áreas mais escolhidas foram as ciências sociais, comércio e direito (25,1%), serviços (19,3%), artes e humanidades (15,3%), ciências, matemática e informática (14,1%) (Figura 57).

Figura 58 – Jovens dos cursos profissionais por área de estudo no ensino superior (%)



Nota:
(1) N=590

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Analisando a área de estudo escolhida segundo as formações frequentadas no pós-secundário, observou-se que os jovens dos cursos profissionais que estavam a frequentar o ensino superior tendiam a escolher mais as áreas das ciências sociais, comércio e direito (27,1%), das artes e humanidades (18,3%), dos serviços (18,1%) e das ciências, matemática e informática (10,5%) (Figura 58).

Relativamente às áreas de estudo dos respondentes dos cursos de especialização profissional, constatam-se diferenças relativamente aos restantes, uma vez que estes escolheram mais as áreas das ciências, matemática e informática (22,4%), dos serviços (22,0%), das ciências sociais, comércio e direito (20,5%) e da engenharia, indústrias transformadoras e construção (10,6%) (Figura 59).

Figura 59 – Jovens dos cursos profissionais por área de estudo nos cursos de especialização profissional (%)



Nota:
(1) N=254

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 60 – Jovens dos cursos profissionais por escolha do curso ser a primeira opção (%)



Nota:

(1) N=620

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

A satisfação com o curso escolhido está diretamente relacionada com o facto de se ter entrado na primeira opção, e 84,4% destes jovens declararam que o curso em que estavam tinha sido a sua primeira escolha (Figura 60).

O que mais motivou os respondentes a escolher a área de estudo foi “ser uma área que permite desempenhar a profissão desejada” (40,9%), “dar boas oportunidades de emprego” (37,3%) e “ser o curso que gostavam de estudar” (31,6%) (Figura 61).

As elevadas percentagens de respondentes que sinalizaram como motivo “ser o curso que gostavam de estudar” e “ser uma área que permite desempenhar a profissão desejada” revela a importância que os jovens dão à satisfação pessoal na hora de escolherem um curso.

Figura 61 – Jovens dos cursos profissionais por razões para a escolha do curso ou formação (%)



Nota:

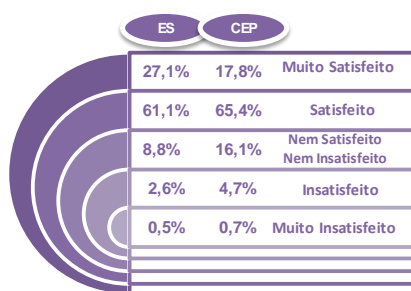
(1) N=987

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 62 – Jovens dos cursos profissionais por grau de satisfação face ao trajeto escolar, segundo formação frequentada (%)



Nota:

(1) N=665

(2) ES – Ensino superior; CEP – Cursos de especialização profissional

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

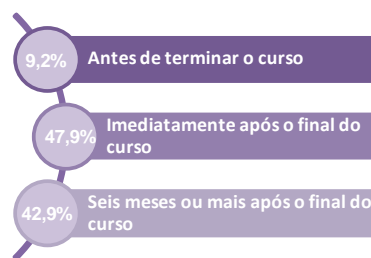
Analisando o grau de satisfação dos respondentes segundo a formação frequentada, denota-se que são os que estavam a frequentar os cursos do ensino superior aqueles que se encontravam mais satisfeitos (muito satisfeitos – 27,1% e satisfeitos- 61,1%) sobretudo quando comparados com os dos cursos de especialização profissional (muito satisfeitos – 17,8% e satisfeitos – 65,4%) (Figura 62).

4.2. Trajeto profissional

Neste ponto analisa-se o trajeto profissional dos 11,0% de respondentes ao inquérito que concluíram um curso profissional no ensino secundário e que se encontravam exclusivamente a trabalhar no momento da inquirição. Como já foi referido anteriormente este segmento dos que só trabalham representam a parte mais significativa daqueles que concluíram um curso profissional (46,9%).

Questionados sobre o momento de inserção no mercado de trabalho, verificou-se que apenas uma pequena minoria se inseriu antes de terminar o curso (9,2%) repartindo-se os

Figura 63 – Jovens dos cursos profissionais por momento de inserção profissional dos jovens no pós-secundário (%)



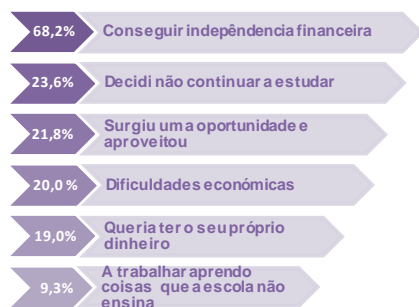
Nota:

(1) N=1635

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 64 – Jovens dos cursos profissionais por razões para começar a trabalhar (%)



Nota:

(1) N=1634

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

económicas” (20,0%).

A análise das razões para terem começado a trabalhar pelo nível de escolaridade dominante na família mostrou que quanto mais baixos são os recursos escolares das famílias, mais os jovens começaram a trabalhar para terem independência financeira (\leq 1.º CEB – 70,6% face ao ensino superior – 54,5%) e por terem dificuldades económicas (\leq 1.º CEB – 25,9% face ao ensino superior – 18,2%) (Quadro 20).

Quadro 20 – Jovens dos cursos profissionais segundo o nível de escolaridade dominante na família, por razões para começar a trabalhar (%)

| RAZÕES PARA COMEÇAR A TRABALHAR | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2.º e o 3.º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|---|------------------------------|-------------------------|-------------------|-----------------|
| Conseguir independência financeira | 70,6 | 67,5 | 70,9 | 54,5 |
| Dificuldades económicas | 25,9 | 18,8 | 15,4 | 18,2 |
| Decidir não continuar a estudar | 22,7 | 25,1 | 22,1 | 23,4 |
| Surgiu uma oportunidade e aproveitou | 20,4 | 23,0 | 20,4 | 26,0 |
| Ter o seu próprio dinheiro, apesar da família não ter dificuldades económicas | 11,8 | 19,8 | 24,1 | 18,2 |
| A trabalhar aprendem-se coisas que a escola não ensina | 11,4 | 8,6 | 9,0 | 14,3 |
| Não conseguir entrar no ensino superior | 6,7 | 6,5 | 7,6 | 10,4 |
| Para ajudar no negócio familiar | 2,7 | 4,3 | 5,0 | 2,6 |
| Outra razão | 2,4 | 3,2 | 2,8 | 2,6 |

Nota:

(1) N=1531

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Numa situação inversa encontram-se os respondentes oriundos de famílias com habilitação escolar mais elevada que tendem a justificar mais a integração no mercado de trabalho com o facto de “ter

Quadro 21 – Jovens dos cursos profissionais segundo a média das classificações no secundário, por razões para começar a trabalhar (%)

| RAZÕES PARA COMEÇAR A TRABALHAR | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|---|---------------|---------------|---------------|
| Conseguir independência financeira | 69,1 | 68,4 | 64,9 |
| Decidir não continuar a estudar | 23,2 | 24,6 | 23,0 |
| Surgiu uma oportunidade e aproveitou | 22,7 | 21,2 | 23,0 |
| Ter o seu próprio dinheiro, apesar da família não ter dificuldades económicas | 19,2 | 18,8 | 17,6 |
| Dificuldades económicas | 17,8 | 21,2 | 24,3 |
| A trabalhar aprendem-se coisas que a escola não ensina | 9,0 | 9,6 | 8,1 |
| Não conseguir entrar no ensino superior | 5,7 | 8,2 | 5,4 |
| Para ajudar no negócio familiar | 3,9 | 3,7 | 4,1 |
| Outra razão | 2,9 | 3,0 | 2,7 |

Nota:

(1) N=1551

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

restantes por imediatamente após o final do curso (47,9%) e seis meses ou mais após o final do curso (42,9%) (Figura 63).

O principal motivo apontado para começarem a trabalhar foi a necessidade que sentiram de serem independentes financeiramente (68,2%) (Figura 64).

Outras razões apresentadas foram o facto de “não quererem continuar a estudar” (23,6%), de “ter surgido uma oportunidade e decidiram aproveitar” (21,8%) e de terem “dificuldades

surgido uma oportunidade que decidiram aproveitar” (\leq 1.º CEB – 20,4% face ao ensino superior – 26,5%), ter o seu próprio dinheiro (\leq 1.º CEB – 11,3% face ao ensino superior – 16,9%) e considerarem que a trabalhar aprendem coisas que a escola não ensina (\leq 1.º CEB – 10,9% face ao ensino superior – 16,9%).

Segundo a média das classificações constata-se que os jovens com médias mais baixas justificam mais a entrada no mercado

de trabalho por “dificuldades económicas” (10 a 14 valores – 69,1% face a 18 a 20 valores – 64,9%) e por quererem “ter o seu próprio dinheiro apesar da família não apresentar dificuldades económicas” (10 a 14 valores – 19,2% face a 18 a 20 valores – 17,6%) (Quadro 21). Por sua vez, os que apresentam notas mais elevadas referem mais ter começado a trabalhar por ter “dificuldades económicas” (10 a 14 valores – 24,3% face a 18 a 20 valores – 17,8%).

A maioria dos jovens conseguiu o emprego através de uma candidatura espontânea (27,3%), com a ajuda de amigos e/ou familiares (22,0%) e conseguiu colocação na empresa onde fez o estágio (17,1%) (Quadro 22). De realçar que os cursos profissionais têm uma componente de estágio que na maioria das escolas é dividido por diferentes anos letivos e realizado em locais diferentes, possibilitando aos jovens dos cursos profissionais experienciar diferentes realidades laborais e facilitando uma possível integração na empresa de estágio.

Quadro 22 – Jovens dos cursos profissionais segundo o tipo de certificação no secundário, por modo de inserção profissional (%)

| MODO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL | % |
|---|------------|
| Candidatura espontânea | 27,3 |
| Com ajuda de amigos e/ou familiares | 22,0 |
| Colocação na empresa onde fiz estágio | 17,1 |
| Inscrição no centro de emprego | 8,5 |
| Resposta a um anúncio (que não um concurso público) | 7,5 |
| Inscrição numa agência de trabalho temporário | 5,3 |
| Inscrição num concurso público | 3,4 |
| Através da ajuda de professores | 2,4 |
| Criação de um negócio, sozinho ou com outros | 1,5 |
| Outro meio | 5,0 |
| TOTAL | 100 |

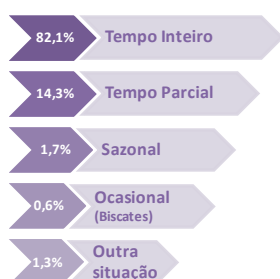
Nota:

(1) N=1633

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 65 – Jovens dos cursos profissionais por condição perante o trabalho (%)



Nota:

(1) N=1633

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Estes jovens estavam a desempenhar profissões inseridas no grande grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (33,0%), “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies” (17,9%), “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13,0%) e trabalhadores não qualificados” (12,9%) (Quadro 23).

Tendo em consideração que estes jovens se encontravam exclusivamente a trabalhar, a maior parte estava a trabalhar a tempo inteiro (82,1%) e apenas 14,3% a tempo parcial, sendo exceções os que integram o mercado de trabalho de forma sazonal (1,7%) e ocasional (0,6%) (Figura 65).

Quadro 23 – Jovens dos cursos profissionais por grande grupo profissional (%)

| GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM | % |
|--|------------|
| Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos | 1,5 |
| Especialistas das atividades intelectuais e científicas | 7,0 |
| Técnicos e profissionais de nível intermédio | 13,0 |
| Pessoal administrativo | 10,3 |
| Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores | 33,0 |
| Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta | 1,1 |
| Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies | 17,9 |
| Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem | 3,4 |
| Trabalhadores não qualificados | 12,9 |
| Total | 100 |

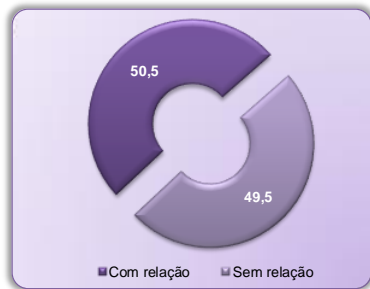
Nota:

(1) N=1165

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 66 – Jovens dos cursos profissionais por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)



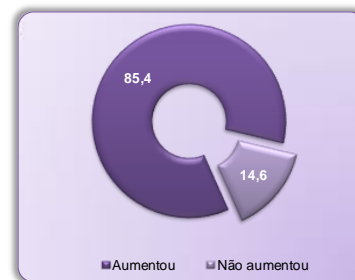
Nota:
(1) N=1633

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Quando se pergunta aos jovens sobre a relação entre a profissão atual e o seu projeto profissional futuro, estes dividem-se, sendo um pouco mais os que consideraram existir relação (50,5%) (Figura 66).

Por outro lado, procurou-se perceber se a conclusão do ensino secundário aumentava as hipóteses de encontrar um emprego, constando-se que 85,4% dos jovens considerava que concluir este ciclo de estudos era uma mais-valia para conseguir trabalho (Figura 67).

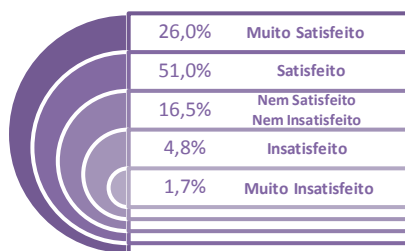
Figura 67 – Jovens dos cursos profissionais por aumento das possibilidades de encontrar um emprego com o ensino secundário (%)



Nota:
(1) N=1633

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 68 – Jovens dos cursos profissionais por grau de satisfação com o trabalho (%)



Nota:
(1) N=1632

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Por fim, analisou-se o grau de satisfação dos respondentes dos cursos profissionais relativamente ao trabalho que estavam a desempenhar, verificando-se que a maioria encontrava-se satisfeita (muito satisfeito – 26,0% e satisfeito - 51,0%) (Figura 68). De realçar os 16,5% de jovens que não estão satisfeitos, nem insatisfeitos com o seu trabalho.

4.3. Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes

Os jovens dos cursos profissionais que se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo no momento de inquirição representam apenas 1,6% do total de respondentes (e 6,3% no sub-universo dos respondentes que concluíram um curso profissional).

Cerca de metade dos trabalhadores estudantes dos cursos profissionais frequentavam o ensino superior (55,0%), seguindo-se outro tipo de formação (20,9%) e os cursos de especialização tecnológica (20,9%) (Figura 69).

Figura 69 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais por formação frequentada no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N=249

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Por nível de escolaridade dominante na família observa-se que quanto mais elevadas as habilitações

Quadro 24 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais segundo o nível de escolaridade dominante na família, por formação frequentada (%)

| FORMAÇÃO FREQUENTADA | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2.º e o 3.º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|------------------------|------------------------------|-------------------------|-------------------|-----------------|
| Ensino Superior | 41,2 | 50,5 | 62,5 | 60,6 |
| Outro tipo de formação | 41,2 | 19,2 | 20,0 | 18,2 |
| CEF - Tipo 7 | 11,8 | 3,0 | 2,5 | 3,0 |
| CET - Pós-secundário | 5,9 | 27,3 | 15,0 | 18,2 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:

(1) N= 229

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

trabalhadores estudantes, mais estes referiram estar a frequentar o ensino superior (18-20 valores – 82,4% face a 10-14 valores- 48,8%) (Quadro 25). Numa situação inversa encontram-se os respondentes cuja média de classificações é mais baixa e que comparativamente, optaram mais por outro tipo de formação (18-20 valores – 5,9% face a 10-14 valores- 25,6%), por um curso de especialização tecnológica (18-20 valores – 11,8% face a 10-14 valores- 22,0%).

escolares da família destes jovens mais estes referiram estar a fazer um curso superior (\leq 1.º CEB – 41,2% e ensino superior – 60,6%), um curso de especialização tecnológica (\leq 1.º CEB – 5,9% e ensino superior – 18,2%) (Quadro 24).

Uma análise da média das classificações no ensino secundário também revela diferenças assinaláveis constatando-se que quanto mais elevada é a média das classificações dos

Quadro 25 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais segundo a média global de classificações no secundário, por formação frequentada (%)

| FORMAÇÃO FREQUENTADA | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Ensino Superior | 48,8 | 55,1 | 82,4 |
| Outro tipo de formação | 25,6 | 21,2 | 5,9 |
| CET - Pós-secundário | 22,0 | 21,2 | 11,8 |
| CEF - Tipo 7 | 3,7 | 2,5 | - |
| Total | 100 | 100 | 100 |

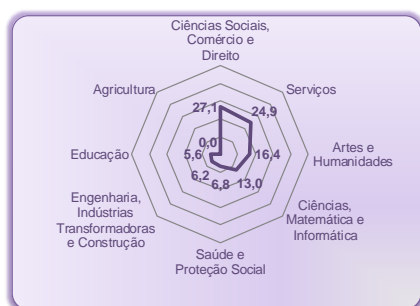
Nota:

(1) N= 117

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 70 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)



Nota:
(1) N= 177

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Para os jovens trabalhadores estudantes que prosseguiram estudos no pós-secundário, questionou-se qual a área de formação dos cursos que frequentavam, observando-se que cerca de metade escolheram as áreas das ciências sociais, comércio e direito (27,1%) ou dos serviços (24,9%) (Figura 70). Destaca-se ainda, por um lado, a escolha das áreas das artes e humanidades (16,4%) e das ciências, matemática e informática (13,0%), e, por outro, o facto de ninguém ter optado por um curso inserido na área da agricultura.

O facto do curso frequentado “permitir desempenhar a profissão desejada” (43,4%), “dar boas oportunidades de emprego” (34,0%), “ser o curso que gostam de estudar” (33,6%) e “ser um curso com qualidade” (19,6%) foram os motivos mais apontados pelos trabalhadores estudantes para a escolha do curso ou formação no pós-secundário (Quadro 26).

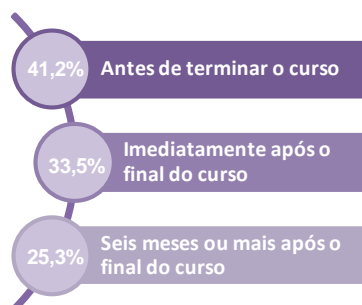
Analisando o trajeto profissional dos jovens trabalhadores estudantes pelo momento de inserção profissional, constata-se que a percentagem mais elevada é a que respeita aos

Quadro 26 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais que prosseguiram estudos pós-secundários, por razões para a escolha do curso ou formação (%)

| RAZÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO OU FORMAÇÃO | % |
|--|------|
| Permite-me desempenhar a profissão que eu quero | 43,4 |
| É um curso que dá boas oportunidades de emprego | 34,0 |
| É o que eu gosto de estudar | 33,6 |
| É um curso com qualidade | 19,6 |
| É um curso com muito prestígio | 12,8 |
| É um curso muito prático | 9,4 |
| É um curso em que não tive dificuldade em entrar | 4,3 |
| Não há outro curso que eu goste | 4,3 |
| Tenho pessoas que são dessa área | 3,0 |
| Outra razão | 10,2 |

Nota:
(1) N= 235
(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla
Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 71 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais por momento de inserção profissional (%)



Nota:
(1) N= 221

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016

jovens que integraram o mercado de trabalho antes de terminar o curso (41,2%), seguindo-se 33,5% para os que começaram a trabalhar imediatamente a seguir ao final do curso (Figura 71).

Os trabalhadores estudantes que começaram seis meses ou mais após o final do curso representam 25,3% dos respondentes. Como se pode verificar, cerca de 3/4 começam a trabalhar antes ou imediatamente após terminarem o ensino secundário (74,7%).

Os trabalhadores estudantes dos cursos profissionais que mais integraram o mercado de trabalho antes de terminar o ensino secundário são os do ensino superior (52,0%) (Figura 72). Os jovens que mais começaram a trabalhar logo após terminarem o ano letivo de 2013/14 são os jovens dos cursos de especialização profissional (CEF – 50,0% e CET – 48,8%).

Segundo o nível de escolaridade dominante na família constata-se que quanto mais elevados os recursos escolares da família mais os jovens integraram o mercado de trabalho antes de terminar o curso (\leq 1.º CEB – 23,5% e ensino superior – 55,2%) (Quadro 27). O

Figura 72 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais segundo a formação frequentada, por momento de inserção profissional (%)

| | Ensino Superior | CET Pós Secundário | CEF Tipo 7 |
|---------------------------------------|-----------------|--------------------|------------|
| Antes de terminar o curso | 52,0 | 33,2 | 33,3 |
| Imediatamente após o final do curso | 29,3 | 48,8 | 50,0 |
| 6 meses ou mais após o final do curso | 18,7 | 20,9 | 16,7 |

Nota:
(1) N= 172

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Quadro 27 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais segundo momento de inserção profissional, por nível de escolaridade dominante na família (%)

| MOMENTO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL | Inferior ou igual ao 1.º CEB | Entre o 2º e o 3º CEB | Ensino secundário | Ensino superior |
|--|------------------------------|-----------------------|-------------------|-----------------|
| Antes de terminar o curso | 23,5 | 36,8 | 44,3 | 55,2 |
| Imediatamente após o final do curso | 47,1 | 35,6 | 30,0 | 27,6 |
| Seis meses ou mais após o final do curso | 29,4 | 27,6 | 25,7 | 17,2 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 |

Nota:
(1) N=203

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

inverso acontece com os respondentes oriundos de famílias com habilitações escolares mais reduzidas que tendem mais a começar a trabalhar imediatamente após o final do curso (\leq 1.º CEB – 47,1% e ensino superior – 27,6%) ou seis meses ou mais após o final do curso (\leq 1.º CEB – 29,4% e ensino superior – 17,2%).

Analisando o momento de inserção profissional segundo a média global das classificações dos jovens no ensino secundário, observam-se pequenas diferenças: os respondentes que apresentavam uma média acima dos 15 valores são os que mais referiram ter começado a trabalhar imediatamente após o final do curso (10-14 valores – 29,3% face a 18-20 valores – 35,3%) ou antes de terminar o curso (39,0% face a 47,1%), enquanto os que apresentavam uma média entre os 10 e os 14 valores revelaram uma maior tendência para integraram o mercado de trabalho seis meses ou mais após o final do curso (31,7% face a 17,6%, respetivamente) (Quadro 28).

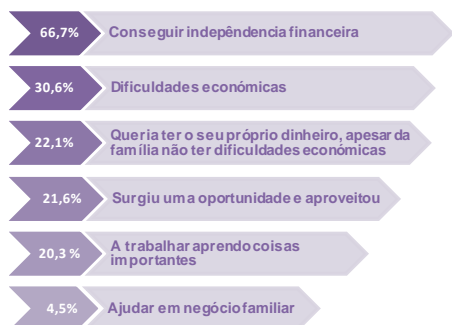
Quadro 28 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais segundo momento de inserção profissional, por média global das classificações no ensino secundário (%)

| MOMENTO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL | 10-14 valores | 15-17 valores | 18-20 valores |
|--|---------------|---------------|---------------|
| Antes de terminar o curso | 39,0 | 41,0 | 47,1 |
| Imediatamente após o final do curso | 29,3 | 36,8 | 35,3 |
| Seis meses ou mais após o final do curso | 31,7 | 22,2 | 17,6 |
| Total | 100 | 100 | 100 |

Nota:
(1) N= 216

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 73 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais por razões para ter começado a trabalhar (%)



Nota:

(1) N=222

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte:

referiu estar a trabalhar a tempo parcial (52,3%), seguindo-se os que se encontravam numa situação de trabalho a tempo inteiro (31,3%) (Figura 74). O trabalho ocasional (9,1%) ou sazonal (3,7%) assume entre estes respondentes valores residuais.

Tendo em consideração que estes jovens detentores de um curso profissional estavam, simultaneamente, a estudar e a trabalhar, é normal que a maioria estivesse a trabalhar a tempo parcial, uma vez que tal permite conciliar a atividade profissional com os estudos. Porém, é de realçar os 31,3% destes respondentes que conseguiam estudar e trabalhar ao mesmo tempo e desenvolviam uma atividade profissional a tempo inteiro.

Por fim observa-se o grande grupo profissional das profissões desempenhadas pelos trabalhadores

Quadro 29 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais por grande grupo profissional (%)

| GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM | % |
|--|------------|
| Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos | 4,1 |
| Especialistas das atividades intelectuais e científicas | 11,2 |
| Técnicos e profissionais de nível intermédio ¹ | 13,0 |
| Pessoal administrativo | 9,5 |
| Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores | 45,6 |
| Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta | 0,0 |
| Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificiais | 5,3 |
| Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem | 1,2 |
| Trabalhadores não qualificados | 10,1 |
| Total | 100 |

Nota:

1) N=169

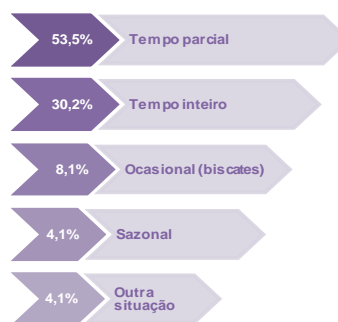
Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

As questões económicas são as que mais justificaram a integração dos jovens trabalhadores estudantes no mercado de trabalho, destacando-se a necessidade de “conseguir independência financeira” (66,7%), o ter “dificuldades económicas” (30,6%) e o “querer ter o seu próprio dinheiro” (22,1%) (Figura 73). De realçar ainda, o motivo relacionado com o facto de “ter surgido uma oportunidade que decidiu aproveitar” (21,6%) e o reconhecimento de que “a trabalhar se aprendem coisas importantes que a escola não ensina” (20,3%).

Cerca de metade dos jovens trabalhadores estudantes

Figura 74 – Jovens trabalhadores estudantes dos cursos profissionais por condição perante o trabalho (%)



Nota:

1) N=222

Fonte:

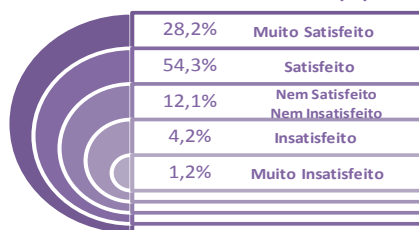
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

estudantes detentores de um curso profissional: verifica-se que a maioria se inseria nos grupos do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (45,6%), dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13,0%) e dos “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (11,2%) (Quadro 29). Pode constatar-se que não existia nenhum destes jovens a trabalhar no grupo dos “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta” e que apenas uma percentagem muito residual se inseria no grupo dos “operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem” (1,2%).

5. Representações e avaliações

A passagem pelo ensino secundário permite vivenciar diversas experiências, muitas delas

Figura 75 – Grau de satisfação dos jovens face ao curso do ensino secundário (%)

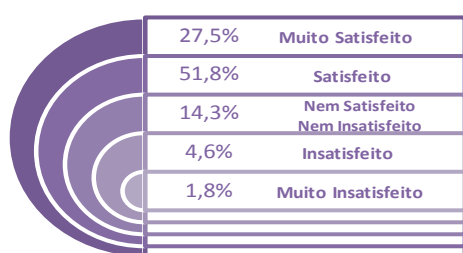


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Começando esta análise com o grau de satisfação com o curso frequentado no ensino secundário verifica-se que a maioria dos jovens se encontrava satisfeito (54,3%) ou muito satisfeito (28,2%) (Figura 75).

Apesar das diferenças serem mínimas por oferta de educação e formação, observa-se que eram os jovens dos cursos tecnológicos e do ensino artístico especializado os que se encontravam mais satisfeitos (88,5% e 91,4%) (Quadro 30).

Figura 76 – Grau de satisfação dos jovens face à escola (%)



Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

existindo 51,8% dos jovens satisfeitos e 27,5% muito satisfeitos (Figura 76).

Segundo a oferta de educação e ensino são os respondentes do ensino artístico especializado e dos cursos de educação e formação que se encontravam mais satisfeitos com a escola (89,4% e 87,5%) (Quadro 31).

Quadro 31 – Grau de satisfação dos jovens em relação à escola, segundo a oferta de educação e formação (%)

| GRAU DE SATISFAÇÃO FACE À ESCOLA | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|----------------------------------|------|------|------|------|------|
| Muito insatisfeito | 1,8 | 1,9 | 1,3 | 1,0 | - |
| Insatisfeito | 5,0 | 3,4 | 5,7 | 1,9 | - |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 14,7 | 13,3 | 11,5 | 7,7 | 12,5 |
| Satisfeito | 52,7 | 49,4 | 47,8 | 40,4 | 50,0 |
| Muito satisfeito | 25,7 | 32,1 | 33,8 | 49,0 | 37,5 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

focadas naquilo que são os objetivos e expectativas escolares e profissionais futuras, sendo importante compreender as representações e avaliações que os jovens fazem sobre este nível de ensino. Neste sentido, questionou-se os jovens sobre o grau de

Quadro 30 – Grau de satisfação dos jovens face ao curso do ensino secundário, segundo a oferta de educação e formação (%)

| GRAU DE SATISFAÇÃO FACE AO CURSO | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|----------------------------------|------|------|------|------|------|
| Muito insatisfeito | 1,0 | 1,8 | 0,6 | 1,0 | 6,3 |
| Insatisfeito | 4,4 | 3,7 | 3,8 | 1,0 | 6,3 |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 12,6 | 10,9 | 7,0 | 6,7 | 6,3 |
| Satisfeito | 57,1 | 46,6 | 43,3 | 40,4 | 50,0 |
| Muito satisfeito | 24,9 | 37,0 | 45,2 | 51,0 | 31,3 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

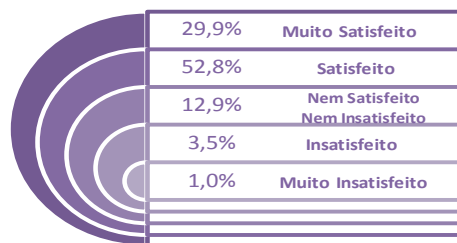
Os que frequentaram um curso científico-humanístico eram os que mais demonstraram uma posição neutra (12,6%) e os dos cursos de educação e formação são os que se encontravam mais insatisfeitos (12,6%).

Quando se analisa a satisfação face à escola constata-se que os dados são muito semelhantes com os da satisfação com o curso,

Os respondentes dos cursos científico-humanísticos, dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos, apesar de se encontrarem maioritariamente satisfeitos, são os que revelaram maior insatisfação face à escola (6,8%, 5,3% e 7,0%) ou uma posição neutra (14,7%, 13,3% e 11,5%).

Por fim, questionou-se os jovens sobre o grau de satisfação com os professores, constatando-se que as respostas são muito semelhantes com as registadas anteriormente, uma vez que 52,8% estavam satisfeitos e 29,9% estavam muito satisfeitos (Figura 77).

Figura 77 – Grau de satisfação dos jovens em relação aos professores (%)



Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Os jovens dos cursos de educação e formação (93,8%) cursos tecnológicos (93,0%), e dos cursos profissionais (88,8%) são os que se manifestaram mais satisfeitos com os professores (Quadro 32).

Quadro 32 – Grau de satisfação dos jovens em relação aos professores segundo oferta de educação e ensino (%)

| GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES | CCH | CP | CT | EAE | CEF |
|---|------|------|------|------|------|
| Muito insatisfeito | 1,0 | 1,0 | 0,6 | - | - |
| Insatisfeito | 4,0 | 1,9 | 1,3 | 3,8 | - |
| Nem satisfeito nem insatisfeito | 14,6 | 8,3 | 5,1 | 12,5 | 6,3 |
| Satisfeito | 55,3 | 45,5 | 52,2 | 41,3 | 43,8 |
| Muito satisfeito | 25,1 | 43,3 | 40,8 | 42,3 | 50,0 |
| Total | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Os dos cursos científico-humanísticos e do ensino especializado foram os que mais reportaram uma posição neutra (14,6% e 12,5%) ou de insatisfação (5,0% e 3,8%).

Uma análise comparativa das três dimensões questionadas (escola, curso, professores), por oferta de educação e ensino, permite concluir que os jovens dos cursos profissionais, dos cursos tecnológicos e dos cursos de educação e formação, encontravam-se,

comparativamente, mais satisfeitos com os professores. Por sua vez, os dos cursos científico-humanísticos e do ensino artístico especializado manifestaram mais elevados níveis de satisfação com o curso.

O ensino secundário é um ciclo de estudos de transição para o ensino superior ou de integração no mercado de trabalho que visa munir os jovens de um conjunto de competências valorizadas socialmente e que facilitam o seu percurso escolar e profissional futuro.

Quando questionados sobre as competências mais desenvolvidas, a maioria dos jovens dos cursos científico-humanísticos referiu: ajudar a “assumir responsabilidades” (94,8%), ensinar a “trabalhar em equipa” (94,0%), permitir “trabalhar de forma

Quadro 33 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por competências desenvolvidas no curso frequentado (%)

| COM PETÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO CURSO FREQUENTADO | % |
|---|------|
| Assumir responsabilidades | 94,8 |
| Trabalhar em equipa | 94,0 |
| Trabalhar de forma autónoma | 94,0 |
| Tomar decisões | 91,6 |
| Planeamento, coordenação e organização | 90,8 |
| Técnica e domínio de técnicas e tecnologias | 90,5 |
| Comunicação oral e escrita | 89,3 |
| Conhecimentos sobre o funcionamento de organizações | 85,8 |
| Pensamento crítico | 85,6 |
| Síntese | 82,0 |
| Negociação/argumentação | 78,1 |
| Liderança | 77,1 |

Nota:
1) N= 10109

Fonte:
DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

autónoma” (94,0%) e ajudar a “tomar decisões” (91,6%) (Quadro 33).

Por sua vez, as competências que estes consideraram menos desenvolvidas foram as capacidades de: “liderança” (77,1%), “negociação/argumentação” (78,1%) e “síntese” (82,0%).

Quadro 34 – Jovens dos cursos profissionais por competências desenvolvidas no curso frequentado (%)

| COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO CURSO FREQUENTADO | % |
|---|------|
| Trabalhar de forma autónoma | 92,4 |
| Assumir responsabilidades | 90,5 |
| Comunicação oral e escrita | 86,5 |
| Pensamento crítico | 86,4 |
| Planeamento, coordenação e organização | 86,2 |
| Síntese | 84,8 |
| Tomar decisões | 84,3 |
| Trabalhar em equipa | 82,1 |
| Técnica e domínio de técnicas e tecnologias | 77,4 |
| Negociação/argumentação | 71,0 |
| Conhecimentos sobre o funcionamento de organizações | 66,2 |
| Liderança | 66,0 |

Nota:

1) N= 3428

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Para os jovens que frequentaram os cursos profissionais, a valorização das competências desenvolvidas no curso frequentado apresentam diferenças face aos dos cursos científico-humanísticos destacando-se as seguintes: “trabalhar de forma autónoma” (92,4%), “assumir responsabilidades” (90,5%), “comunicação oral e escrita (86,5%), ter “pensamento crítico” (86,4%) “planear, coordenar e organizar” (86,2%) (Quadro 34).

A capacidade de liderança (66,0%), o conhecimento sobre as organizações (66,2%) e a negociação e/ou argumentação são as competências que os jovens destes cursos consideram menos trabalhadas.

Com o objetivo de concluir esta análise questionou-se os jovens se o ensino secundário os prepara para o prosseguimento de estudos e para a integração no mercado de trabalho.

Independentemente de terem frequentado um curso científico-humanístico (87,2%) ou um curso profissional (88,3%), a maioria dos respondentes considera que o ensino secundário os prepara para o prosseguimento de estudos (Figura 78).

Figura 78 – Jovens dos cursos científico-humanísticos e dos cursos profissionais por vantagens da conclusão do secundário na preparação para o prosseguimento de estudos (%)



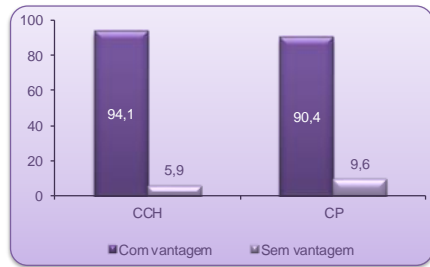
Nota:

1) N= 14560

Fonte:

DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

Figura 79 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por vantagens da conclusão do secundário para a inserção profissional (%)



Nota:

1) N= 14561

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2016.

O mesmo acontece quando se analisa as vantagens da conclusão do ensino secundário na integração do mercado de trabalho, constatando-se que a maioria dos respondentes considera que existe vantagem, sendo os dos cursos científico-humanísticos (94,1%) os que mais evidenciam essa vantagem (face a 90,4% para os jovens dos cursos profissionais) (Figura 79).

METODOLOGIA

Os dados apresentados resultam da aplicação do questionário “Jovens no pós-secundário em 2016”, realizado no âmbito do acompanhamento dos trajetos escolares dos estudantes no ensino secundário.

Este questionário foi enviado *on-line* através de correio eletrónico para os jovens que responderam ao inquérito “Estudantes à saída do secundário 2014-15”.

O inquérito “Jovens no pós-secundário - 2016”, contou com a participação de 16.186 jovens (38,2% de um universo de 42.418) que frequentavam 726 escolas públicas e privadas de Portugal Continental, de um total de 736 escolas abrangidas.

À data do inquérito, as situações em que os jovens inquiridos se poderiam encontrar eram as seguintes: a frequentar o ensino superior, a frequentar o ensino pós-secundário não superior, ainda a frequentar o ensino secundário (no que refere ao prosseguimento de estudos); a trabalhar; em situação de trabalhador-estudante, já não estar a estudar e andar à procura de emprego (no que refere à atividade profissional).

Para mais informações sobre estes dados, consultar os sumários estatísticos do inquérito em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/> ou contactar a Equipa de Estudos da Educação e Ciência (EEEC/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt